Ricardo Luxo



Os Prisioneiros de Ligrow

Uma Aventura Interestelar

OS PRISIONEIROS DE LIGROW

Uma Aventura Interestelar

Ricardo Luxo

Copyright 2016 by Ricardo Luxo

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta edição pode ser utilizada ou reproduzida em qualquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia, gravação, etc., nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados, sem a expressa autorização do autor.

A meus pais, irmão e família que sempre acreditaram em meu potencial e me apoiaram em minhas conquistas.

Sumário

Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII

Capítulo XXVIII
Capítulo XXIX
Capítulo XXX

Capítulo I

Era o último dia de aula. Finalmente chegaram as tão esperadas férias de três meses. Cheguei em casa e fui direto ver se havia algo na caixa de correio. Tinha uma carta endereçada a mim sem remetente. Entrei na sala e disse à minha mãe:
Olha, mãe! Uma carta pra mim sem remetente...
– De que será que se trata? – perguntou.
– Não tenho a mínima ideia. Vamos abri-la!
Abri e tive a maior surpresa.
– O que é? – falou minha mãe.
– É do tio Carlos, me convidando pra passar as férias na fazenda! Só o tio Carlos mesmo pra mandar uma carta...
– Seu tio não gosta nada de modernidades. Você sabe como ele é...
– Pois é. Pior que eu sei mesmo.
Nesse exato momento, meu celular tocou.
– Alô?
– Ricardo?
– Sim! Oi, Renata, tudo bem?
– Sim! Você recebeu o convite também?
– Para ir à fazenda? Sim! Recebi!
– Eu e a Roberta vamos. O Alexandre também telefonou e disse que vai. A Sílvia e a Carla também vão. Só falta você. E então... Vai ou não vai?
– Espera um pouquinho... Mãe! É a Renata. Ela disse que a Roberta e ela vão e a Sílvia, a Carla, o Alexandre, já telefonaram dizendo o mesmo. Só falta eu. Posso ir?
– Pode!
– Oba! Alô? Eu vou também.
– Legal! Quando a gente sai daqui então?
– Não sei. Isso fica a combinar. Que tal se nós nos reuníssemos hoje pra

resolver?

– Tudo bem. Vai ser aqui às quatro da tarde. Deixa que aviso aos outros.

– Ok!

– Tchau!

– Tchau!

Capítulo II

Às quatro da tarde já estavam todos presentes.

Todos ali naquela sala são meus primos. Cada um do seu jeito, mas todos muito legais.

Sílvia é irmã de Carla. Gosta de tudo certo. É responsável com o dever. Tranquila. Tudo está bom pra ela. Possui cabelos castanhos claros e olhos verdes.

Carla é uma doce menina, a menor de todos nós. É calma e muito inteligente. Tem cabelos castanhos e olhos castanhos também.

Renata, às vezes fica esquentada. É de temperamento um tanto nervoso. Mas adora uma boa leitura e escrever. Tem cabelos castanhos claros e olhos verdes. Ela e Roberta são irmãs.

Roberta também é do tipo que não aguenta desaforo. Vive brigando com Alexandre. Gosta de tudo bem claro, sem enrolação. Seus cabelos são pretos e olhos castanhos.

Alexandre é um garoto um tanto encrenqueiro, que só está feliz quando nada o afeta. Adora comer de tudo e é muito turbinado. Tem cabelos e olhos castanhos.

Finalmente, eu. Junto com Sílvia, somos os mais velhos. Sou bem ajuizado e inventivo. Tenho cabelos castanhos claros e olhos castanhos.

Enfim, nós, como em toda família, nos adoramos e nos odiamos às vezes. Mas sempre seguimos juntos nos apoiando. E mal sabíamos que num futuro não muito distante, viveríamos uma grande aventura...

– E então, quando a gente vai? – Renata.

– Que tal na semana que vem? – Alexandre.

– Não. Eu quero ir logo! – Carla.

– Pra que essa pressa toda? – Sílvia.

– Ah! Eu quero e pronto! – Carla.

– Olha, não vamos começar a brigar desde já. Afinal, nós vamos passar três

meses juntos. – Roberta
- É isso aí! – disse eu.
Depois de muito custo, resolveu-se ir dali a uma semana.
Não sei por que, aquela foi a semana que mais demorou a passar. Um dia depois da nossa reunião, todos já tinham arrumado as malas. Isso que era entusiasmo.

Capítulo III

Finalmente chegou o dia. Nossos pais haviam contratado um motorista particular para nos levar à fazenda. Lá fomos nós numa viagem de dez horas pelo interior do Estado. Quando estávamos no meio do caminho, não resistimos e pedimos ao motorista que parasse. Nunca havíamos visto tamanha beleza: um campo cheio de flores de todas as cores. Mais amarelas que o sol, mais vermelhas que as cerejas, mais brancas que as nuvens. Enfim, um conjunto deslumbrante. Carla deu uma ideia:

– Que tal brincarmos de pega-pega?

– Joia! Precisamos esticar um pouco as pernas mesmo! – exclamamos.

Ficamos brincando a valer até que não aguentávamos mais. Até o motorista entrou na brincadeira. Foi o que mais se destacou. Até que falou:

– Bem, pessoal, acho que tá na hora de irmos, senão só vamos chegar lá de noite.

– Tudo bem. Vamos lá, operação embarque! – exclamei.

– Não! Espera um pouco! Vamos colher algumas flores para levar para o tio e pra tia lá na fazenda. – disse Sílvia.

Toca todo mundo pegar flores. O carro ficou abarrotado delas. Passaram-se umas duas horas e começou a reclamação:

– Quero ir ao banheiro! – disse Roberta.

– Eu também! – Alexandre.

– Também! –Também! – Também!

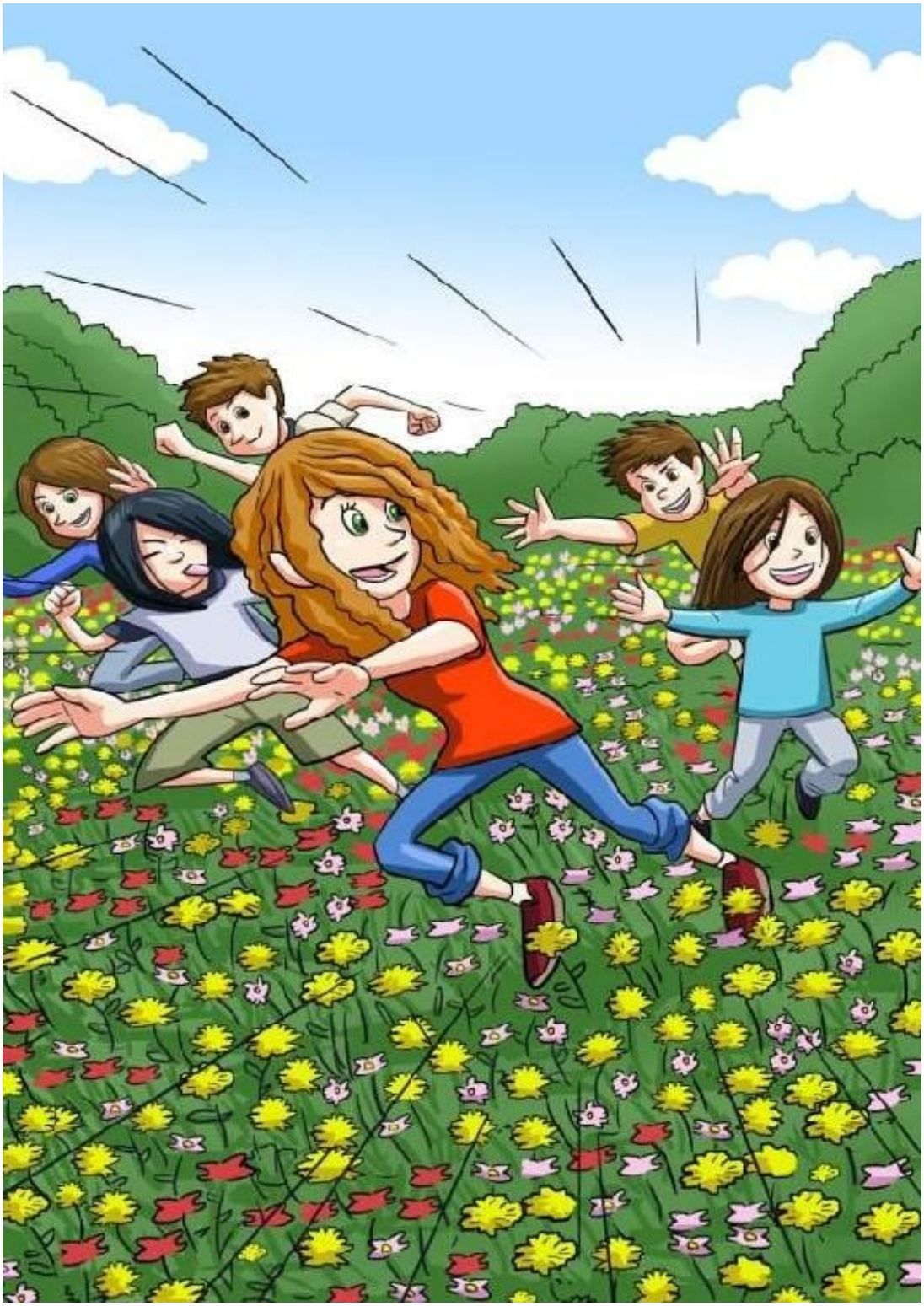
No final, todos queriam ir ao banheiro. Paramos num posto. As meninas saíram correndo na frente. O pior é que havia um só banheiro para seis crianças apertadas e formou-se a fila na porta. Cada um que saía se dirigia à lanchonete para fazer um lanchinho. Afinal, estávamos todos à mesa:

– O que vocês vão querer? – disse o garçom.

– Eu quero um x-salada!

– Eu, um misto quente!

– Eu quero sorvete!
– Eu, uma empadinha!
– Eu, um milk shake!
– Eu quero um hambúrguer simples!
Coitado do garçom. Acho que naquele dia ele se arrependeu de ter aberto a boca para atender-nos. Todo mundo falando junto, na maior confusão. O pior de tudo não foi isso.



Depois de muito custo para atender a todos, ainda passou a maior vergonha por causa do Alexandre. Na hora de distribuir os pedidos, em vez de ele dar o sorvete pro Alexandre e o milk-shake pra Carla, inverteu tudo. Pra que! O Alexandre começou a falar que o homem era um incompetente, distraído. Toda a lanchonete ficou encarando o coitado, até que o gerente apareceu e acalmou o menino. Disse que ele ia ganhar um super pacote de bolachas de chocolate por causa do inconveniente. Só alegria, né?

Só sei que nós saímos de lá duas horas depois.

Continuamos viagem, mas sem parar em lugar algum. Já estava anoitecendo.

Finalmente chegamos à fazenda. Já era noite, hora da novela.

Que bagunça nós fizemos!

Carregamos as bagagens pra dentro e ficamos esperando a janta. A essa altura, Roberta começou a gritar:

– Que fome! Que fome!

– Fica quieta! Você não vê que a tia tá fazendo a janta? – disse Renata.

– Que fome! – continuou.

Nós pegamos uma meia dúzia de almofadas e jogamos em cima da coitada para abafar a choradeira, mas não adiantou.

– Tá na mesa! – gritou a tia.

Antes mesmo de terminar a frase, já estávamos todos na mesa. As flores que trouxemos já estavam num belo vaso, enfeitando-a. Que alegria! Foi aquela comilança! Acabamos com tudo.

Como não podíamos dormir de barriga cheia, ficamos na varanda escutando meu tio tocar violão e cantar. Antes de deitarmos, meu tio fez a coleta de quaisquer dispositivos que tivéssemos em nosso poder. Celulares, computadores, tablets e quaisquer outros equipamentos do tipo eram proibidos. Ele detestava e queria que aproveitássemos tudo ao máximo, sem interferências, como antigamente. Ficávamos meio irritados por uns dois dias, mas já estávamos acostumados com

o procedimento.

Quando fomos dormir, já passava da meia noite. Formou-se logo a fila na porta do banheiro para escovar os dentes. Cada um tinha um quarto pra si. Todos deram boa noite e foram dormir. Acontece que a certo momento, ouvi um clic e fui espiar o que era. A Renata tinha saído do seu quarto e se enfiou no quarto da tia, pois estava com medo de dormir sozinha.

Capítulo IV

No dia seguinte, contei a todos os outros, e na hora do café começou a coisa:
– Renata, estava bom o quarto da tia? – perguntei.
– Não enche!
– Estava com medo, hein? – Sílvia.
– Não enche!
– Muito bonito! – Carla.
– Não enche!
Renata começou a ficar vermelha, cada vez mais, até que pegou um pote de doce de leite e virou na cabeça da Sílvia. Nesse instante, vendo que a coisa ia engrossar, todos começaram a correr para o lado de fora da casa.
Se Renata pegasse alguém, coitada dessa pessoa. Por isso, ficamos fugindo dela, até que chegou uma hora que ela nos cercou. Aí foi soco e pontapé pra todo lado e ela ficava cada vez mais vermelha. Sorte nossa que o tio apareceu, pôs ela debaixo do braço e a colocou na ducha fria do quintal. Acho que a água até evaporava quando batia na cabeça dela.
A Sílvia foi quem sofreu mais. Ficou uma hora e meia no chuveiro para tirar todo aquele doce de leite do cabelo. Se não fosse o tio aparecer, adeus férias. Íamos todos passar as férias no hospital.
Depois que Sílvia saiu do banho, fomos ao pomar. Tudo quanto é fruta que se pode imaginar tinha lá. Comemos maçã, mamão, laranja, mexerica, jabuticaba, tudo que há de bom de frutas, ainda mais colhidas do pé. Que delícia que foi!
Na hora do jantar, Renata já estava voltando à cor normal. Depois daquilo, nunca mais tiramos sarro da cara dela, pois se ela pega a gente pra valer, tadinhos de nós.
Para o jantar havia o genuíno macarrão à italiana e porpetas. Isso porque minha tia é filha de italianos. Nem mal a tia colocou a comida na mesa, Alexandre e Roberta, os mais esfomeados, atacaram. Comeram tanto, mas tanto, que

pareciam duas barriquinhas.

Depois do jantar, fomos assistir à televisão. Mas só tinha propaganda naquele canal, já não aguentávamos mais. Então Sílvia deu a ideia:

– Que tal jogarmos Buraco?

– Legal! – exclamamos.

– Tia, a senhora tem um baralho aí? – Carla perguntou.

– Tenho sim, mas eu não sei onde está. Vocês vão ter que procurar.

– Tudo bem! – Carla.

Aí sim que começou a bagunça. Quando finalmente encontramos os baralhos e íamos jogar, a tia perguntou:

– Vocês não acham que têm uma “outra” coisa pra fazer?

Olhamos em volta e percebemos logo o que tínhamos que fazer. A casa estava toda desarrumada da gente procurar os baralhos. Toca todo mundo arrumar a casa. Quando acabamos, estávamos tão cansados que resolvemos deixar o jogo para o dia seguinte. Fomos dormir. Nesse dia, a Renata, com medo e tudo, foi dormir no seu quarto, sozinha.

Capítulo V

No dia seguinte, acordamos às sete horas para ver meu tio tirar leite da vaca, mas antes disso tomamos um café bem gostoso e farto. Quando estávamos terminando, nosso tio apareceu na porta com uma cara assustada e perguntamos por que. Ele respondeu:

– Sabe o que é gente. É que... É que...

– Fala logo, homem! – disse minha tia.

– Nasceu um bezerrinho hoje!!!

– Oba! – gritamos todos já saindo da mesa para ir ver o animalzinho. Chegamos ao pasto e lá estava ele com sua mãe. Nós não ousamos atravessar a cerca, pois senão ela poderia ficar enciumada. Meu tio atraiu-a para um cercado e nós fomos brincar com o bezerrinho. Mas como era bonito. Era marrom claro com o peito branco e as patas também brancas. Não sabíamos o que fazer para agradar o coitadinho. Corríamos com ele, rolávamos no chão, fazíamos de tudo para atrair a sua atenção, e parecia até que ele nos compreendia.

O tempo passou tão rápido que logo a tia nos chamou para o almoço. Em menos de dez minutos já havíamos almoçado e já estávamos de volta. Brincamos com ele até anoitecer.

Desta vez, depois da janta, conseguimos jogar Buraco. Tudo bem. Começou a distribuição das cartas. Íamos começar a jogar quando começou a confusão.

– Ei! Ele tem mais cartas do que eu! – disse Alexandre.

– Tenho nada! – eu disse.

– Tem sim! Assim eu não jogo!

– Tudo bem! Vamos contar quantas você tem e quantas ele tem. – disse Roberta.

– Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze. O Ricardo tem onze, tá certo. Agora deixa eu ver as suas: um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove, dez, onze, doze. Tá vendo? Você fala que o outro tem mais e quem tem mais é você. Agora também vai ficar sem uma!

– Não vem não! Pode devolver! – disse Alexandre.
– Não devolvo! – exclamou Roberta.
– Devolve!
– Não!
– Se você não devolver, eu não jogo mais...
– Então não joga!
Alexandre foi para seu quarto resmungando. Nós combinamos de que não dava dez minutos e ele estava de volta. Batata! No oitavo minuto lá estava ele na sala.
– Me deixa entrar de novo? – pediu.
– Tá bom, mas não inventa manha, hein? – disse Roberta.
As duplas estavam formadas de novo. O jogo durou uma hora e meia. Quando acabou, começamos a contagem dos pontos.
– Pronto! – exclamamos eu e Sílvia
– Nós também! – Alexandre e Roberta.
– Espera um pouquinho que já tá no fim. – Carla e Renata.
Finalmente acabaram.
– Quanto deu aí? – perguntamos à Carla e Renata.
– Não. Falem quanto deu o de vocês primeiro. – responderam.
– Já que é assim, nós falamos! O nosso deu dois mil pontos! – Alexandre e Roberta.
– Tá bom! O nosso deu dois mil e cinquenta pontos! – falei.
– Vocês roubaram! – falou Alexandre.
– Que nada, moleque! – disse Sílvia.
– Já que vocês querem brigar, eu falo nossos pontos e acabo com essa briga. O nosso deu dois mil e cem pontos – disse Carla.
– Não! Vocês roubaram! – eu disse.
– É isso aí! – apoiou Roberta.
Depois de muita briga e recontagem de pontos, concluiu-se que Carla e Renata haviam ganhado.
Fomos dormir.

Capítulo VI

No dia seguinte, logo após o café, pedimos à tia se podíamos ir ver as plantações da fazenda, que ficavam do outro lado. Ela disse sim e lá fomos nós.

Pelo caminho aconteceu muita coisa. Um pouco depois que tínhamos saído de casa e estávamos indo pela estradinha da plantação, vimos um vulto grande correndo em nossa direção. Parecia algum animal... E era! Era um boi desembestado!

– Gente, corre pra cima de qualquer árvore que vocês encontrarem, porque esse boi não está com cara de bons amigos... – disse eu já correndo para uma árvore.

Felizmente todos sabiam subir em árvores. O boi chegou e, justo onde a gente estava, resolveu ficar parado. O tempo passando e nada dele ir embora. Gritamos, assobiamos, esperneamos, e nada de alguém aparecer. Parecíamos uns macacos naquela árvore.

Afinal, o boi resolveu ir embora. Descemos das árvores, meio receosos de que ele voltasse.

Depois de andarmos uns mil metros, notamos que estava faltando alguém. Era a Carla.

Eu disse:

– Eu vou por aqui, Alexandre e Sílvia por ali, Roberta daquele lado e Renata pelo outro.

Depois de uns cinco minutos, nós a achamos. Ela tinha seguido uma borboleta, das quais ela gosta muito, e quando se deu conta, viu que estava perdida. Levou uma bronquinha de sua irmã e tudo voltou ao normal.

Continuamos o passeio.

Quando estávamos perto achamos umas pegadas no chão. Eram esquisitas. Nunca tínhamos visto nada igual. Parecia uma espécie de tênis, mas era muito grande e com desenhos estranhos.

– Do que será que são essas pegadas? – perguntou Alexandre.

– Eu nunca vi igual. – Carla.
– Devem ser de algum lobo do mato. – disse Renata.
– Só se ele estivesse de tênis! Hahahaha! – eu falei.
– Eu não estava olhando pra elas quando falei. – disse Renata já meio vermelha.
– Vai ver alguém que desenhou. – Roberta.
– É. Pode ser. – Sílvia.
Deixamos as pegadas e continuamos a caminhada. A primeira plantação que tinha era a de café. Nós resolvemos comer umas frutinhas lá do cafeeiro. Estava uma delícia.
De repente, notamos que alguns pés de café que ficavam no topo de uma colina estavam queimados. Eu falei:
– Não estou gostando nada disso. Primeiro, as pegadas, agora, esses pés de café queimados... O que está acontecendo aqui?
– Não liga não, Ricardo! Deve ter sido algum raio, ou alguma pessoa! – disse Sílvia.
– Olha! Eu não sei não...
– Vamos brincar de esconde-esconde? – sugeriu Carla.
– Vamos, vai! – eu respondi.
Brincamos durante meia hora até que veio a ideia:
– Vamos brincar do outro lado da colina? – indagou Roberta.
– Legal! Vamos sim! Vamos ao lago! – todos gritaram.
Havia um belo lago que dava pra ver do topo. Fomos subindo a colina. Chegamos onde estavam os pés de café queimados. Demos uma olhada e não chegamos a conclusão nenhuma sobre o que teria feito aquilo...
Alguns acharam que teria sido alguma pessoa, mas para que alguém os queimaria? Outros acharam que teria sido um raio, mas se assim fosse, haveria marcas mais profundas.
Mal sabíamos nós, que a amarga descoberta estaria do outro lado da colina.
Continuamos subindo. Quando chegamos ao topo, tivemos a surpresa mais marcante de nossas vidas. Do outro lado, havia uma nave espacial. Era prateada

e muito grande. Em formato de gota, só que como uma gota deitada. Estava flutuando a alguns metros do chão. Virei-me para Sílvia e falei:
– Sílvia, agora tudo se liga...
– É mesmo! As pegadas...
– Os pés de café queimados...
– Fiquem abaixados! – ela falou.
Aparentemente estava tudo tranquilo, mas o que seria aquilo? De onde teria vindo e o que queria? Não víamos ninguém.
– O que nós fazemos? – perguntou Alexandre.
– Não sei! – respondi.
– Eu acho bom, a gente sumir daqui. Vamos voltar e avisar a polícia. – falou Roberta.
– É isso aí. Todo mundo correndo...
Por que tínhamos que sair de casa? Nem bem viramos, lá estava quem ninguém desejava naquele momento. Era um homem de capacete e roupa colante prateada. Os



grandes sapatos que com certeza eram donos das pegadas que vimos antes. Portava uma arma estranha na mão. Ficamos congelados, sem fazer um único movimento. Ele fez sinal para que fôssemos em direção à nave. O que será que aquele homem iria querer de seis crianças?

Eu cochichei com Sílvia:

– Eu vou sair correndo pra ver se acho alguém para nos salvar desta. Na hora que eu começar a correr, você faz com que todos os outros corram cada um pra um lado.

– Tudo bem!

– Lá vai: um, dois, três, já!

Saí correndo em direção à fazenda e os outros cada um foi para um lado diferente.

Mesmo com toda essa preparação de golpe, não deu certo. O homem sacou da arma e como um profissional, disparou contra todos nós, paralisando-nos imediatamente.

Capítulo VII

Ele carregou um por um para dentro da nave. Colocou-nos numa sala toda de vidro, pelo menos era o que parecia, numa área no centro da nave. Lá dentro, ele disparou outra carga com a mesma arma, cujo efeito fez com que nós voltássemos ao normal. Os menores começaram a chorar. Eu, Sílvia e Renata, assustados, esmurramos a porta do compartimento onde fomos trancados, sem obter qualquer resultado.

O estranho ficou a nos observar. Continuou de capacete. Não sabíamos como ele era. Lançamos uma série de perguntas:

– Pra onde nos leva?

– O que quer de nós?

– Quem é você?

– De onde você veio?

Nenhuma foi respondida. Ele ficava parado olhando para um mundo de botões sem falar nada.

O que será que aconteceria conosco?

Será que seríamos soltos, ou levados pela nave?

Dentro da nave havia muita coisa. Tinha um painel cheio de botões e luzes. No centro, uma mesa redonda que acendia e apagava em todas as tonalidades de cores. Havia somente uma janela bem grande na frente. Nos cantos havia portas que não sabíamos para onde levavam. E uma série de detalhes pelas paredes que nunca tínhamos visto antes.

De repente, aquele ser estranho apertou alguns botões e sentimos que a nave começava a subir. Começamos a gritar e chorar. Olhamos pela janela e vimos a fazenda se distanciando. Deu-nos um aperto no coração. Ficamos pensando como os nossos tios ficariam quando não voltássemos para casa e se, algum dia voltaríamos a vê-los.

Já passava do meio dia. Estávamos com fome.

Renata gritou para o homem:
– Estou com fome! Estou com fome!
Ele não fez nada. Passou-se algum tempo e ele apertou um botão que fez ligar uma espécie de tela holográfica. Do outro lado, apareceu outro daqueles seres, só que estava sem capacete. Ficamos chocados. Tinha um rosto muito esquisito. A pele era esverdeada e grossa. Olhos como de gatos, amarelados. Uma boca grande também e lábios finos. Era muito estranho para nós. Estávamos morrendo de medo. O que era aquilo? Falou com o ser da nave numa língua estranha, durante algum tempo. Depois, desligou.
Quando olhamos na direção da janela novamente, que impacto tivemos! A Terra já estava longe, e a Lua também. Quase desmaiamos. Vimos muitas estrelas e planetas do lado de fora. Começamos a gritar com o piloto, desesperados. Mas nada adiantava, ele parecia nem ouvir.
Renata começou a falar que estava com fome. Desta vez todos nós começamos a resmungar. Ele mexeu num botão que havia em seu capacete e ficou olhando pra nós. Roberta falou mais alto ainda:
– Estou com fome!
Ele parece que compreendeu dessa vez. Foi até umas espécies de tubos que estavam em cima da mesa, aquela com as cadeiras que acendiam e apagavam. Pegou alguns e os jogou pra dentro de nossa sala. Simplesmente eles passaram pela parede. Que coisa mais louca! Os tubos continham umas pílulas coloridas. Indaguei:
– Será que isso é comida?
– Não sei não, mas eu acho que se for, não vai matar a minha fome! – disse Renata.
– Vocês acham que devemos experimentar ou não? Eu acho que sim, pois se não comermos isso, não sei o que vamos comer.
– Quem é o primeiro? – perguntou Carla.
– O Ricardo experimenta primeiro. Se ele não morrer, nós comemos. – disse Alexandre.

– Engraçadinho! Vamos fazer um acordo? Todos nós colocamos uma na boca. Se acontecer alguma coisa a um, acontece a todos, ok?
Todos concordaram. Abrimos os tubos. Foi fácil. Tinha uma tampa que abria só de encostar.
Primeiro, pegamos cada um uma pílula vermelha. Eu dei o sinal:
– Um, dois, três, já!
Colocamos as pílulas na boca e as engolimos. Bom, ninguém morreu, e as pílulas tinham gosto de pudim de morango. As outras cores tinham gostos de todos os tipos de comida. Cada um de nós comeu seis e não aguentou mais. As pílulas eram supernutritivas.
O homem que dirigia a nave não comeu nada.
Pensamos em enfiar a mão na parede de vidro para ver se passava como a comida passou. Que nada! Nem chance disso acontecer.
Estávamos super cansados. Será que o lugar pra onde iríamos era tão longe assim? Na Terra já devia ser noite e bem tarde. Como estariam preocupados nossos tios e pais, que há essa hora já deviam estar avisados.
Mas nada poderíamos fazer. Fomos para um canto da sala, onde ficamos bem juntinhos para ver se dormíamos, e acabamos adormecendo.
Acho que todos sonharam a mesma coisa. Sonhei que estava prisioneiro, mas que chegou uma patrulha da Terra para nos salvar. Depois nos levaram para a Terra onde havia um grande jardim florido, no qual estavam nossos pais, tios e irmãos mais velhos nos esperando, e nós corríamos ao seu encontro. Quando chegávamos perto, eles desapareciam e reapareciam em outro local mais distante. Corríamos novamente e tudo se repetia. Era angustiante.
Não sei se esse sonho podia ser interpretado como aviso de não voltar a vê-los, ou alguma outra coisa qualquer. Só sei que era desesperador.

Capítulo VIII

De repente, acordamos. Demoramos um pouco pra assimilar as coisas. Pensamos que o que tinha acontecido também não passava de sonho. Percebemos que a nave estava parada. Era engraçado... Não havia ninguém junto conosco. A porta estava fechada. Olhamos em direção à janela.

Ficamos assustados. Do lado de fora, havia milhares de naves iguais aquela onde estávamos. O engraçado é que não havia ninguém naquela espécie de aeroporto.

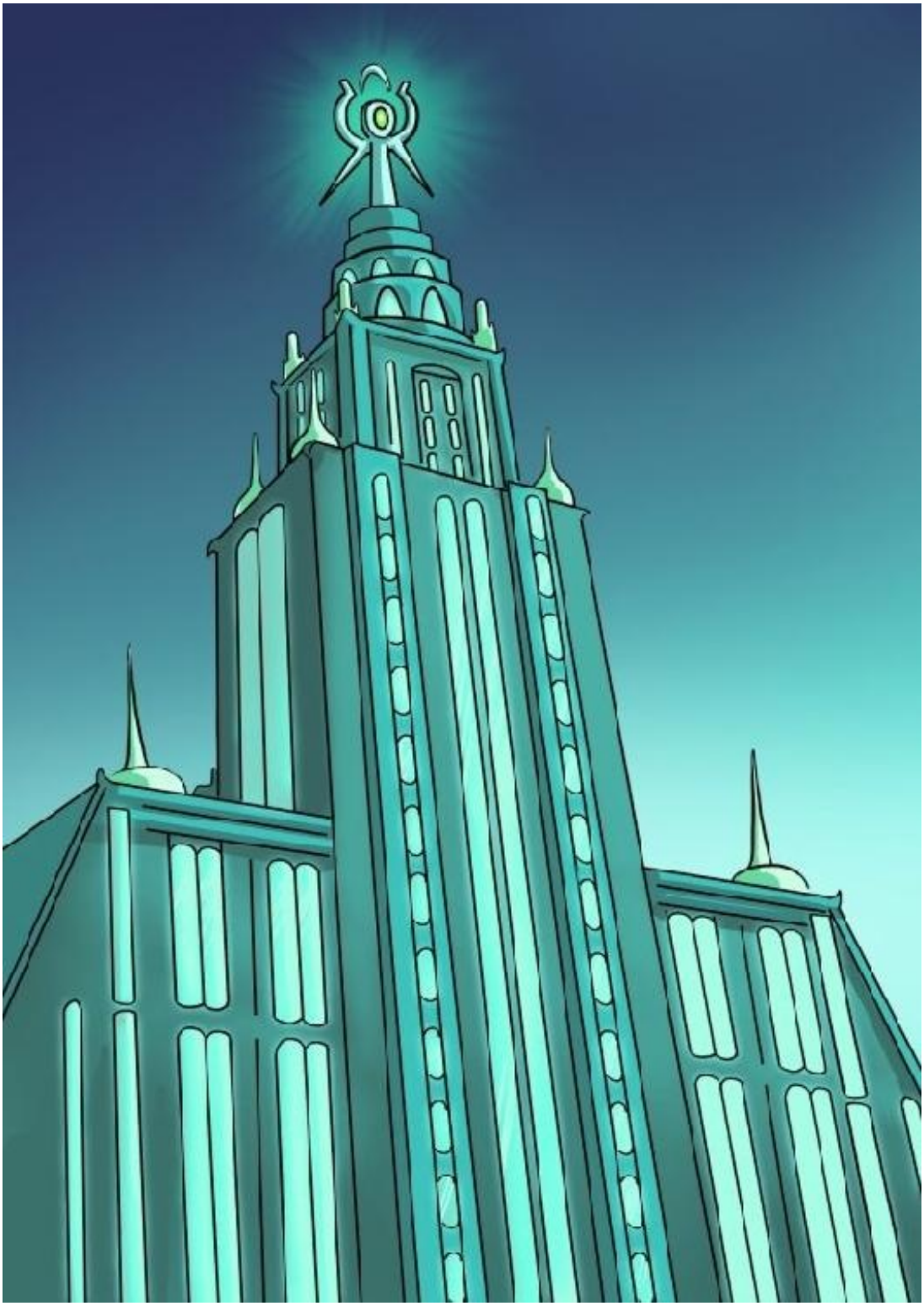
Achamos que o melhor a fazer seria ficar esperando até alguém aparecer, pois poderíamos estar sendo vigiados. Passou o tempo e nós continuamos a esperar.

Nada podíamos fazer, senão esperar. Não dava para fugir, pois não sabíamos mexer nas máquinas e todos aqueles botões. Esperamos, esperamos, até que surgiram dois guardas lá fora. Ficamos observando o que faziam. Dirigiram-se à nossa nave e baixaram a porta. Entraram e ficaram nos olhando. Pegaram suas armas e apontaram para nós. Gelamos. Felizmente era somente para segui-los. Fizeram sinal para que saíssemos da nave.

Que surpresa tivemos do lado de fora. Primeiro porque respirávamos normalmente naquele lugar. Como podia? Depois, porque era estranho aquele planeta. Não tinha sol. A luz que tinha, era gerada artificialmente. A cidade era revestida por uma meia bola, que parecia vidro. Tão cliché. Tinha muitos prédios muito altos, de formato esquisito. Tudo era sombrio. Os transportes também eram estranhos. Muita nave voando para todo lado. Eram menores do que as do aeroporto. Deviam ser de uso pessoal. Ficamos abismados.

Saímos daquele aeroporto e entramos em uma dessas naves menores. Sentamos nos bancos e um cinto automático nos amarrou. Não conseguíamos sair do assento. Não tinha motorista. Só os guardas. Ela subiu e começou a se mover. Nesse passeio, vimos somente prédios e mais prédios. Ao longe conseguíamos ver algumas montanhas, mas a natureza era sombria. Não tinha árvores, muito poucas plantas. Algumas fontes de água pelo caminho. Pessoas eram raras de se

ver. Não eram cidades com ruas pra se caminhar e tal. Tudo devia ser interno. Fomos nos aproximando de um edifício gigantesco, com uma imponência incrível. Dava medo. Devia ser ali onde nos aguardavam. O que iríamos encontrar pela frente? Entramos por uma abertura daquela estrutura imensa e estacionamos.



Tiraram-nos de lá de dentro e começamos a caminhar. Entramos num corredor. As paredes eram brancas, mas não pintadas como são na Terra. Pareciam feitas de plástico, pois brilhavam intensamente. Andamos por cerca de uns dez minutos. No corredor tinha muitas portas laterais, mas nós caminhamos direto, até alcançar uma grande porta que se abriu automaticamente. A porta dava para uma sala bem grande. Lá dentro, havia muitos daqueles seres que, quando chegamos, ficaram nos olhando, depois começaram a rir muito e a conversar. Nós ficamos em pé parados. Que visão estranha. Todos com aquelas caras que nos assustavam muito e com capacetes, só que eram abertos na frente, então podíamos ver suas expressões.

Depois de certo tempo, abriu-se outra porta. Os guardas nos levaram em sua direção. Entramos. Pra nosso espanto, lá estava aquele ser com quem o piloto da nave tinha falado.

Ele estava sentado numa espécie de trono. O trono era todo deformado e possuía aquelas luzes coloridas, constantemente piscando. Aquele elemento usava um capacete diferente dos demais. Quando ele havia falado com o piloto da nave, estava sem capacete. Tinha na mão uma espécie de cetro e também usava uma roupa diferente dos outros. Os outros usavam macacão bem colante, cinza chumbo. Já ele, usava um macacão preto brilhante e um colar com medalhão, cheio de desenhos engraçados. Além de uma capa.

Com certeza era o rei, presidente, chefe. Qualquer ser importante. O que governava os outros. Aqueles seres da sala anterior deviam ser seu parlamento, congresso... Sei lá!

Nós estávamos muito aflitos. Não havia uma janela sequer naquela sala. Tinha apenas duas portas. Permanecíamos ali, nós, os guardas e o “rei”.

Capítulo IX

Ele nos olhou e depois chamou um dos guardas para junto de si. Conversaram. Falavam uma língua totalmente estranha para nós. Parecia uma série de grunhidos. A conversa demorou um bom tempo.

Em seguida, o rei mexeu em um botão no seu capacete e se dirigiu a nós:

– Fizeram boa viagem? Hahahaha!

Paralisamos. Como podia falar nossa língua tão perfeitamente? Acreditamos que o segredo estava naquele botão do capacete, mas mesmo assim perguntei:

– Como pode falar nossa língua?

Foi eu fazer uma pergunta, que os outros lançaram as suas.

–Que lugar é este? – perguntou Sílvia.

– O que quer de nós? – Alexandre.

– Não vai nos deixar voltar à Terra? – Renata.

– Até quando vamos ficar aqui? – Roberta.

– Este planeta é muito longe da Terra? – Carla.

Ele disse:

– Calem-se! Quem faz as perguntas aqui sou eu e não vocês!

E continuou:

– Eu mandei meus súditos mais confiáveis à Terra para observar os terráqueos. Eu já venho estudando-os há meses. Nós achamos que o melhor a fazer seria trazer alguns espécimes. Para isso devíamos agir cautelosamente. Meus súditos observavam seus costumes, alimentação, comportamento, etc. Com essas informações, preparamos aquelas pílulas nutritivas com o sabor de comidas terráqueas. Não era para vocês serem os espécimes para estudo, mas como são curiosos, estão aqui! Estavam no lugar errado na hora errada. Agora, já que vieram, eu irei estudá-los mais profundamente, para depois... Mais tarde vocês saberão!

Eu disse:

– O que você fez foi desleal. Observar clandestinamente pessoas inocentes!
– Cale-se! Você não tem o direito de julgar um ser superior! – disse ele.
– Pois bem! Você é que sabe!
Mesmo assustado, meu primo Alexandre perguntou:
– Que lugar é esse, por favor?
O nobre rei, desta vez, respondeu normalmente, sem nenhuma ameaça, mas observou:
– Em primeiro lugar, não é “que lugar é esse” que se fala, mas sim que lugar é este, pois ambos estamos nele.
O rei era bom em línguas. Dando aula de gramática. Isso era engraçado.
Em seguida respondeu:
– É Ligrow, o planeta mais desenvolvido da galáxia e de todo o universo!
– Conte-nos sua história! – disse Carla com um tom angelical.

Capítulo X

– Está bem. Há milhares de anos, este planeta era dirigido por seres muito bons que viviam em perfeita harmonia com a natureza e onde todos os recursos eram abundantes. Eles eram chamados de Elevatis. Meu povo vivia em outra galáxia. Acontece que no planeta em que meu povo vivia houve um escurecimento, em virtude do enfraquecimento da estrela que o iluminava, o que diminuía a vida no planeta e consequentemente, dos habitantes. Os chefes do planeta enviaram um de seus nobres súditos para procurar outra galáxia para onde pudéssemos nos mudar e viver normalmente. Ele não encontrou nada favorável por todas as galáxias que passou, até que descobriu o planeta que era habitado pelos bons seres. Chegando lá, ele pediu aos governantes se poderíamos nos mudar para aquele lugar e prosperar juntos.

Eles resolveram nos ajudar, porém através de suas tecnologias. Ofereceram ajuda para manterem meu povo com condições de vida em seu próprio planeta. Nosso povo já estava passando fome e frio. A princípio, meus antepassados aceitaram a oferta. Porém, as coisas não estavam fluindo com a rapidez que precisávamos e as discussões aumentaram. A mudança de meu povo para o planeta dos Elevatis nunca seria aceita.

Então, nosso nobre rei resolveu entrar naquele planeta por bem ou por mal. Dirigiram-se para lá sem avisar, e, iniciaram um ataque. Destruíram a maioria do povo ali existente. Os poucos que restaram, foram colocados em suas naves e banidos. À deriva, foram jogados ao espaço à sua própria sorte.

Meus ancestrais se apossaram daquele mundo e transportaram todos para lá, construindo uma nova vida. Tudo estava bem até há poucas centenas de anos atrás quando o sol começou a se apagar novamente para o nosso povo. Mas como evoluímos muito, fizemos essa cobertura nas cidades do planeta, com um sistema de aquecimento que possibilita a vida.

Começamos a desabafar:

– Então é esse o seu plano: invadir a Terra, destruir os terráqueos, apossar-se do planeta, e mandar seu povo pra lá?
– Sim! Vocês são inteligentes. Mas não será só isso. Eu vou conquistar a Terra, transportar alguns milhões de súditos para lá e outros ficarão aqui, e assim possuirei dois planetas para governar!
Carla arrebentou de raiva:
– Mas você não pensa nas outras pessoas? O que será delas? Morrerão?
– As pessoas de seu planeta não servem para viver...
– Mas, e se você juntasse seu reino com o nosso e assim formássemos um mundo super poderoso? – disse Roberta.
– Não adianta! O seu povo não é tão evoluído quanto o meu!
– Mas...
– Nem mais, nem menos. Não salvarei seu povo, serão destruídos! Vocês ainda promovem guerras, se destroem, são de uma raça inferior. – falou o rei furiosamente.
– Mas por que a Terra? – perguntei.
– Porque tem características muito próximas das nossas. A vida lá é possível para nós.
– Por isso que respiramos aqui então? – continuei.
– Sim. Nossas atmosferas são muito parecidas. E a água também.
– Por que o seu planeta não é detectado pelos nossos radares? – perguntou Renata.
– É porque está em outra galáxia, e seus radares não têm alcance. E mesmo que tivessem, nós possuímos dispositivos antirradares, que faz com que as ondas emitidas por eles passem pelo nosso planeta sem detectá-lo.
– Só uma última pergunta: – objetou Alexandre – se aqui é sempre noite, quando é que vocês dormem?
– Quando aqui havia sol, o sistema era igual ao da Terra, mas agora que é noite, tudo funciona assim: quando seria o anoitecer normal, toca-se uma sirene anunciando que é o horário para dormirmos, e quando toca novamente, anuncia a

chegada do dia.

Depois de responder a essa pergunta, chamou dois guardas e mandou que nos levassem cada um para um quarto diferente.

Capítulo XI

Os guardas fizeram sinal para andarmos. Saímos pela porta que ficava do outro lado da sala. Entramos em outro corredor. Os guardas que nos levavam não tinham em seus capacetes aqueles botões de tradução, então disse para o nosso pessoal:

– Esses guardas não nos entendem. Não podemos deixar que o rei destrua a Terra. Já pensaram? Pensem em planos para fugirmos daqui.

Sílvia falou:

– Mas não há como fugir daqui!

– Nós acharemos um jeito! Pensem! – eu disse.

– Mas mesmo que consigamos fugir, como dirigiremos as naves? – perguntou Roberta.

– Aí é que está o problema! – disse Renata.

– Olha, conseguindo sair daqui a gente se vira, falou? – eu disse.

– Tudo bem.

Nesse instante chegamos ao local dos “quartos”. Era estranho. As portas não eram automáticas, tinham fechadura. Estranhas, mas eram fechaduras. Para nós isso era importante, pois seria mais fácil sair dali.

Os guardas trancaram cada um de nós em seu “quarto”, que a meu ver, eram verdadeiras celas e ficaram do lado de fora.

Nas celas, havia uma espécie de cama com uma caixa em cima, que seria o colchão, mas era feito de um material desconhecido. Quando deitávamos, o tal colchão se moldava em nossos corpos. As paredes não eram iguais àquelas dos corredores. Pareciam mais com as nossas. Deviam ser muito velhas; outro tipo de construção. Não havia janelas.

Passado algum tempo, ouvi os passos de um dos guardas se afastando. Voltou logo. Abriu minha cela e me deu um daqueles macacões que eles usavam, só que de cor verde. Vi que tinha mais alguns na mão e deduzi que seriam para os

outros. Mas, por que verde?

Com certeza para nos localizarem mais facilmente em caso de fuga. Pois seríamos os únicos com macacões verdes naquele planeta.

Vesti a tal roupa. Até que ficou bem. Só que não eram colantes como os deles. Eram mais folgados e tinham dois bolsos. Parecia com jardineiras de fazendeiros, mas fechados e de um material um pouco brilhante. Só queria ver o pessoal e a Carla, que é a menor de todos, de macacão. Deviam estar engraçados!

O tempo foi passando, passando e nada dos guardas saírem dali.

Depois de umas três horas terrestres, soou a sirene que anunciava a hora de dormir, Mas será que os guardas iriam dormir? Fiquei na expectativa. Finalmente ouvi os dois se afastando.

Capítulo XII

Comecei a bater na porta e a chamar pelos outros.
– Bam! Bam! Alguém me escuta?
De repente ouvi uma voz, bem baixinho:
– Ricardo! Ricardo!
Arrisquei:
– Quem é?
Respondeu:
– Sou eu, a Sílvia!
– Graças a Deus você me ouviu. – disse aliviado. – Você tem algum grampo ou algo parecido?
– Tenho um grampo! – respondeu.
– Pois então tente abrir a porta, tenha pensamento positivo!
– Não acho que isso vá funcionar. Isto não é um filme, é vida real. Não quer abrir!
– Tenta, Sílvia! Tenta! Faz uma força!
– Não abre! – disse quase chorando.
– Tenta só mais um pouco!
Depois de cerca de uns quarenta minutos de muita dificuldade para conversar e de insistir muito para Sílvia não desistir...
Clic!
– Abriu, Ricardo! Abriu!
– Ufa! Corre pra abrir a minha! Usa a mesma técnica que você usou na sua porta!
– E eu lá sei qual foi a técnica? Dei sorte, só isso.
– Que nada! Você já foi escoteira quando era menor. No mínimo sabe alguns truques para escapar de lugares fechados.
Clic

– Conseguiu, Sílvia! – falei abraçando-a de felicidade.
– E os guardas? – perguntou.
– Não sei! É capaz de terem ido dormir ou então trocar de turno com outros guardas. Tomara que tenham ido dormir.
Fomos abrindo as outras celas com muito custo, até que todos estavam livres. Nesse instante, soou a sirene para acordar. Achamos pouco tempo. Devia ter se passado umas seis horas. Não sabíamos o que fazer. Resolvemos fechar as outras portas e nos escondermos num quarto só. Entramos no quarto e fechamos a porta. Passaram-se alguns minutos e ouvimos os passos dos guardas chegando.
Ficamos quietos.
Roberta falou baixinho:
– Como eles podem dormir tão pouco tempo?
– Não sei! Talvez eles contem o tempo totalmente diferente da gente, devido ao sol, que deveria estar mais próximo do planeta.
– Hum... Estou com fome – falou Roberta.
– Eu também estou começando a ficar. – disse Carla.
Estávamos todos com fome. Mas eis que surge a solução:
– Isso não é problema! Eu tenho pílulas aqui. – disse Alexandre.
– Mas como? – perguntou Renata.
– Eu tirei dos vidros da nave quando ninguém via.
– Mas por que não nos disse nada?
– Foi porque eu peguei só pra mim, mas como agora é uma emergência...
– Vamos contar quantas tem. – Carla disse.
– Puxa! Tem 50! – comentou Sílvia.
– Dá oito pra cada um e ainda sobram duas! – falei.
– É, mas não é para comer seis de uma só vez como antes, porque senão vai acabar. Comam duas e ponham o que sobrar nos bolsos pra outra ocasião. – falou Sílvia
Esperamos um tempo até que os guardas se afastaram novamente. Ouvimos seus passos sumindo.

– Vamos tentar agora que os guardas saíram? – falei.

– Vamos! – concordaram.

Capítulo XIII

Abrimos a porta e espiamos. Não havia ninguém. Saímos correndo pelos corredores. Eram todos iguais e isso nos confundia. Não sabíamos para onde estávamos indo. Abrimos algumas portas e tivemos muitas revelações. Atrás de algumas delas, existiam alguns depósitos cheios de prateleiras e estantes. Eram salas imensas com coisas que pareciam conhecidas, como ferramentas, cordas, objetos. Em outras, equipamentos que não tínhamos ideia do que seriam. Porém, não tínhamos tempo para investigar. Precisávamos sair daquele prédio. Tentar pegar uma nave. Ter alguma esperança de fugir dali. Entrávamos por portas, corríamos por corredores, até que por azar demos na sala onde o chefão ficava sentado no trono. Quando nos viu, gritou aos guardas em sua língua algo que só podia ser:

– Peguem-nos! Peguem-nos!

Os guardas saíram em disparada. Saímos correndo por outros corredores, até que nos cercaram e nos levaram à presença do rei.

Este, por sua vez, mandou que os guardas nos levassem de volta às celas e que não receberíamos comida alguma. Isto ele fez questão de nos dizer diretamente. Fizemos muita força para não rir da cara dele.

Saímos da sala e fomos passando pelos corredores tentando memorizá-los para sabermos o caminho no caso de uma nova fuga. Finalmente chegamos às celas. Os guardas nos colocaram lá dentro e ficaram do lado de fora. Com certeza, desta vez não sairiam dali tão cedo.

Não sabíamos agora como iríamos fugir novamente. A única coisa a fazer seria esperar. Tocaram as sirenes umas quatro ou cinco vezes, até que abriram as portas para nos dar pílulas de nutrição, mas ainda sobraram pílulas pra mim. Mas toda comida seria bem recebida naquela hora.

Quanto à água, tínhamos em nossas celas o que se pode chamar de banheiro, com uma espécie de chuveiro e torneira. Neles saía água normalmente. A única

coisa é que ela era um pouco mais densa que a nossa. O gosto não era muito diferente. Quantas coisas parecidas com o nosso mundo. Isso era bem interessante e estranho ao mesmo tempo.

Passaram-se mais algumas sirenes e os guardas resolveram abrir as celas.

Capítulo XIV

Juntaram-nos todos e mandaram-nos segui-los.
– Tá tudo bem com vocês? – perguntei.
Todos afirmaram que sim e continuamos o caminho. Fomos levados à presença do rei, que falou:
– Gostaram do tratamento? Se tentarem fugir de novo será pior ainda. Agora vamos à sala de testes.
Dirigimo-nos a uma sala estranha e enorme.
Naquela sala tinha tudo que se pode imaginar em matéria de aparelhos eletrônicos. Tinha máquinas iguais a computadores, com muitas telas e botões. Além disso, tinha no meio dela um objeto gigantesco feito de um material bem diferente, sólido e transparente. Era como um cubo de cristal.
O rei nos falou:
– Agora nós veremos se vocês são tão corajosos como aparentam ser!
– Somos mesmo! – disse Roberta.
– Depois destes testes, veremos!
– Você vai ver! Não é mesmo pessoal?
Todos entenderam que não era pra ter medo.
– Será que o que você vai nos mostrar é de verdade mesmo? – perguntei.
– Claro! – disse ele.
– Tudo bem! – eu disse, dando uma piscadinha ao pessoal.
–Vamos lá! Comece! – disse Sílvia.
– Esperem um momento! Preciso sair um pouco! – disse o rei.
Chamou os guardas e ficamos sendo vigiados.
Renata falou:
– Como será que é isso aí, hein?
– Isso aí o que? – perguntou Alexandre.
– Esses testes, ora!

– Eu acho que é tudo coisa de mentira. – disse Carla.
– Eu também! – concordei.
– É... Mas, e se for de verdade? – disse Roberta.
– Se fosse de verdade ele não testaria conosco, pois precisa estudar-nos... Você acha que ele iria nos matar? – disse.
–Eu não acho, tenho certeza. Hahahaha! – disse Roberta.
– Agora não é hora para brincadeiras! – falou Carla.
– Tudo bem! Desculpe, priminha! – exclamou Roberta novamente.
– Droga! Esse rei que não chega. – falou Sílvia.
– Quanto mais tarde melhor. – eu disse.
– Bom. Mudando de assunto, quanto à nossa fuga, o que faremos? A primeira não deu certo. A segunda tentativa será a última. Se não der certo, adeus Terra. Mas como? – falou Sílvia.
– Vai ser meio difícil... – Alexandre.
– É mesmo. Agora os guardas não saem mais dos corredores das celas.
– Para que consigamos uma fuga agora, só com muita sorte!
– Realmente vai ser muito difícil...
Ficamos conversando por um bom tempo até que tocou a sirene de dormir. Na certa o rei havia se atrasado com seus afazeres. Ou devia estar metido em alguma reunião com seu “parlamento”.
Os guardas esperaram um pouco, mas o rei não apareceu. Então fomos levados de volta às celas.
Com todos esses passeios, já sabíamos como chegar a alguns lugares, o que facilitaria nossa fuga; isto é, se houvesse fuga.
Colocaram-nos nas celas e ficaram de guarda. Desde nossa fuga, nunca mais os guardas foram embora. Eram revezados, mas sempre tinha algum lá fora.
Nós não conseguíamos descobrir um meio de fugir. Não dava jeito. Não podíamos dominar os guardas, pois estavam armados de pistolas de raio paralisante. Só se houvesse um milagre sairíamos dali.
Só pensávamos como estariam nossos pais e tios lá na Terra. Deviam estar

preocupadíssimos conosco, pois havíamos sumido já há alguns dias. Eles nunca iriam imaginar que estávamos tão longe de casa.

Já estávamos sem esperança, pois achávamos que nunca mais os veríamos. Que saudades que dava da fazenda onde corríamos, brincávamos, fazíamos de tudo, e ali naquela cela, o que podíamos fazer senão esperar, o tempo todo esperando.

Enquanto permanecíamos perdidos em nossos pensamentos, do lado de fora, os guardas conversavam entusiasmadamente. Queríamos estar tão felizes quanto eles.

Nós ficávamos separados, e nem sequer podíamos conversar, o que aumentava o nosso tédio. Só queria saber como Carla se sentia. Ela que era a menor, devia estar apavorada, presa naquele lugar apertado.

Novamente tocou a sirene. Passaram-se uns vinte minutos até que os guardas abrissem as portas. Juntaram-nos e fizeram-nos percorrer o mesmo caminho para a sala de testes.

Capítulo XV

Quando chegamos, o rei ainda não estava lá. Observamos aquele cubo transparente. Tinha uns tubos presos nas laterais. Em cima, tinha uma espécie de coifa enorme acoplada, e no chão possuía alguns furos também.

– Eu acho que dessa vez vamos fazer os testes! – disse Renata.

– É! Agora a gente não escapa! – disse Alexandre.

– Para de ser pessimista, moleque! – falou Sílvia.

– Pessimista é a vó, tá bom?

– É... Não tem diálogo!

– Vamos parar de brigar porque a gente tem coisa muito mais séria pra discutir! – observei.

– O que? – perguntou Roberta.

– Tem duas. – respondi. – A primeira é a seguinte: não demonstrem medo de nada, está bom? E a segunda é pedirmos ao reizinho que nos deixe ficar todos numa cela só, maior que estas onde estamos.

– Ele não vai deixar. – falou Alexandre.

– Também acho! – confirmou Renata.

– Não custa tentar!

– Tá bem! Vamos falar com ele, mas eu já sei a resposta: Não! – falou Roberta.

Nesse instante ele chegou à sala. Dessa vez veio com outro ser que tinha cara de importante também. Não nos disse quem era, mas com certeza seria alguém responsável pelo ataque à Terra.

A primeira coisa que fizemos foi falar com ele sobre a cela única. A escolhida para dirigir o pedido foi a Carla.

– Majestade! Nós temos um pedido a fazer. – disse pomposa.

– O que é? – perguntou.

– É... Bem, sabe, será que o senhor não poderia nos colocar numa cela só, maior que as outras? É porque nós nos sentimos muito sós...

– Nãão! E não me venham com truques! – falou furioso.
Agora sim, iríamos bem nos testes, pois estávamos todos com uma raiva danada dele.
O primeiro que ele mandou entrar no cubo fui eu. Entrei. Ele apertou um botão e fez sair uma roda de fogo daquela parte de cima. Meus primos ficaram preocupados, mas eu não estava nem aí. Fiquei sentado bem no meio daquele fogo. O chefão ficou nervoso e fez o fogo subir pelas paredes. Estava quente lá dentro, mas eu tinha que ser forte. Continuei sentado no meu lugar, olhando pra cara de bobo do rei.
Ele me tirou daquele cubo, todo nervoso porque eu não demonstrara medo e colocou a Renata.
Ela foi confiante. Para ela, ele fez aparecer uma jiboia imensa que saiu da parte de cima da máquina também. Justo pra ela, que tem medo de cobra. Ela olhou pra mim com uma cara assustada. Eu fiz com a cabeça que não, e ela se tranquilizou um pouco. A cobra passou de um lado, depois de outro e nada dela ficar com medo, digo, demonstrar medo. Parecia bem real e não sabíamos se era de verdade ou não. O chefão já estava ficando nervoso de novo. Para deixá-lo ainda mais nervoso, ela falou:
– O senhor não tem uma cobra aí não? Porque isto é uma minhoca na Terra, sabia?
Ele não aguentou mais. Fez a cobra sumir e tirou Renata de lá.
Desta vez, a escolhida foi a Sílvia. Ela entrou na cabine e ficou esperando o que ia acontecer. Começou a entrar água pelos tubos das laterais. Nós estávamos muito preocupados, pois aquilo ia enchendo e enchendo e não sabíamos quando ia parar. O rei pensou que ela iria ficar com medo de morrer afogada, mas ela não estava nem aí. Como sabia nadar muito bem, começou a ir pra lá e pra cá cantando o Tico-tico no fubá. O rei desistiu e escoou a água. Depois tirou Sílvia de lá de dentro e desta vez o escolhido foi o Alexandre.
O rei de Ligrow já estava ficando frustrado, pois queria saber do que teríamos medo para atacar os terráqueos. Para Alexandre, apareceu uma daquelas bombas

redondas com um pavio comprido queimando. Parecia coisa de história em quadrinhos. Alexandre obedeceu otimamente à recomendação. Começou a jogar futebol com a bomba. Fez, não sei quantas embaixadas com ela. Era um craque. O pavio diminuindo e diminuindo, mas ele não se abalava. O rei já não aguentava mais, mas ainda tinha algumas esperanças.

Coincidentemente, nada que era criado chegava ao final. Como a bomba explodir, por exemplo. Isso nos dava mais certeza que ele não queria machucar-nos ou que as coisas não causariam os efeitos que pareciam ter.

Tirou Alexandre da máquina e colocou Roberta lá dentro. Para Roberta, ele achou de caprichar na coisa. Apertou tudo que é botão, acho que pra fazer uma coisa que desse medo bem concentrado.

Começaram a surgir coisas estranhas pelos furos no chão. Eram plantas carnívoras que tomaram todo o cubo. Sabe aquelas plantas que parecem umas boquinhas com dentinhos pontudos? Eram desse tipo. Era planta pra todo lado e Roberta estava lá no meio. Mas como a Roberta é muito inteligente, ela resolveu logo o problema com sua habilidade. No começo, ela ficou um pouco assustada, mas depois deu uma de corajosa. Começou a fazer carinho nas plantas carnívoras, que começaram a ficar todas sorridentes. Depois cantou um Cha-Cha-Cha e as plantas começaram a dançar!

O rei não se aguentava de nervos. Não sabia mais o que fazer. Apertou alguns botões e as plantas desapareceram. Abriu a porta do cubo e mandou Roberta sair. Fez sinal para Carla entrar e ficou pensativo no que fazer para ela.

Foi até aquelas máquinas e apertou um só botão.

No cubo, apareceu uma borboleta gigantesca vinda da abertura superior. Carla deu um pulo de alegria. Ela adora borboletas. Ela era enorme, preta e amarela com frisos azuis nas beiradas das asas. Ela simplesmente pulou e montou cavalinho nela. Estava felicíssima. Depois disso, o rei não disse mais nada. Ele e o outro se olharam com uma cara estranha. Então, fez Carla sair do cubo, a borboleta desaparecer e mandou que os guardas nos levassem de volta às celas.

No caminho de volta, Sílvia falou:

– Acho que deixamos os chefes preocupados. Não mostramos medo de nada.
– É mesmo! Eles ficaram com uma cara... – disse Alexandre.
– Todos vocês agiram direitinho. Ele nem desconfiou. – falei.
– Na hora que eu vi aquela borboleta gigante, pensei que a Carla fosse chorar... – disse Roberta.
– Ainda bem que ela não tem medo de borboletas.
– Eu não tenho mesmo. Eu adoro borboletas!
– Puxa! E a Renata então, com aquela jiboia passando pra todo lado.
– É, mas no começo eu passei um tremendo medo, mas pensei assim: com medo ou sem medo eu morro mesmo, então é melhor eu relaxar, assim pelo menos cumpro o plano traçado!
– Se você estava com tanto medo, como conseguiu falar aquilo ao rei? – perguntou Roberta.
– Foi pra espantar o nervoso...
– Outra emocionante foi a da Roberta.
– É! Com aquelas plantas dançando o Cha-Cha-Cha... Hahahahaha!
– Pois é, gente. Eu comecei a cantar porque disseram que as músicas acalmam os animais e pelo jeito acalmam mesmo.



– Mas eram plantas...
– Que comem gente... – falou.
– E eu? Ninguém gostou da minha participação? Só falam dos outros, de mim ninguém fala! – disse Alexandre vaidoso.
– Calma!!! Já ia chegar a sua vez – falou Sílvia.
– É. Você demonstrou muita coragem jogando bola com uma bomba que poderia explodir a qualquer momento.
– Que nada! Mandei brasa na gorduchinha!
– Ô Sílvia, a água estava muito fria? – perguntou Carla.
– Não. Estava até gostosa.
– E como você não se apavorou ao ver toda aquela água subindo? – perguntou Renata.
– Eu sabia que ele não queria que eu morresse afogada. Afinal de contas, a intenção dele não era matar ninguém.
– E estava bom o Tico-tico no fubá? – perguntou Alexandre.
– Foi a música que mais me acalmou naquela hora. Cantei mesmo. O rei deve ter ficado danado.
– E você, Ricardo, ficou muito quente lá dentro? – perguntou Roberta.
– Estava um pouco sim, mas tinha que aguentar, né?
– Você ficou assustado de ver tanto fogo? – perguntou Carla.
– Eu? Mais ou menos...
– Puxa vida! Até que os testes foram bem maldosos, não é mesmo? – falou Sílvia.
– É, eu acho que foram um pouco rudes demais.
– Eu também acho! – falou Renata.
– Eu também! – Roberta
– Também! – Alexandre.
– E eu! – Carla.

– Mas, afinal de contas, estamos todos bem. – disse Roberta.
– Bom, já estamos chegando! A qualquer hora a gente se vê, falou? – observei.
– Você fala como se a gente estivesse com tudo numa boa, né?
– Pois é! Se a gente baixar mais ainda o astral, aí sim que não vamos pra frente!
– É isso aí! – falou Alexandre.
– Chegamos!
– Tchau pessoal! – falou Roberta.
– Tchau!
Os guardas trancaram-nos um a um e ficaram de escolta.

Capítulo XVI

Nesse dia, eu estava morrendo de sono. Afinal, nos dias anteriores não tinha dormido quase nada devido à apreensão. Aposto como os outros também estavam com sono. Estávamos exaustos depois daqueles testes. Só sei que peguei no sono muito rápido.

Acordei muito depois, não sei quanto tempo. Uma hora depois soou uma sirene, mas não sei se era pra acordar ou dormir.

Mais tarde, um dos guardas abriu a porta. Era a sirene de acordar mesmo. Ele nos tirou dos quartos e começou a encaminhar-nos em direção desconhecida.

– Pra onde será que estamos indo, hein? – perguntou Renata.

– Sei lá! Deve ser alguma nova sala! – respondi.

Continuei:

– Por acaso vocês, logo que chegamos dos testes, caíram no sono?

– Eu dormi até agora há pouco. – disse Roberta.

– Eu acordei há umas duas horas mais ou menos – respondeu Alexandre.

Afinal, todos tinham dormido bastante em vista do que dormíamos antes.

– É engraçado, não? – falei.

Finalmente chegamos ao local onde éramos aguardados. O rei estava lá. Ele estava sentado em uma cadeira que ficava na ponta de uma mesa e fez-nos sentar à sua volta. As paredes da sala ficavam de várias cores e a mesa e as cadeiras eram transparentes. Pareciam diamantes. Havia umas pílulas de nutrição em cima da mesa. Mandou que comêssemos. Percebi que Alexandre começava a guardar mais algumas para si, discretamente.

O rei começou a falar:

– Como vocês terráqueos não podem ter medo de nada? Ainda mais vocês que são crianças? Como não ficam com medo dos testes a que se submeteram?

– Acontece que nós da Terra não somos medrosos e não temos medo de besteiras.

– Pois bem, vocês ficarão em seus quartos até que eu ordene e também ficarão sem comida até que me digam do que têm medo – falou tenebrosamente.
Fez com que os guardas nos levassem de volta aos quartos o mais depressa possível.
No caminho, falei pro Alexandre:
– Está na hora de você dividir as pílulas que pegou novamente, pois agora é uma emergência.
– O que??? Ele pegou de novo? – perguntou Carla.
– Pegou sim.
– Vamos lá, Alexandre! Passe isso discretamente para nós. Um pouco pra cada.
– Tá bem! Tem mais do que da outra vez!
– Saibam controlar suas pílulas. Durmam bastante, pois assim economizaremos. – falei.
Passamos as pílulas discretamente sem que os guardas percebessem, antes de chegarmos às celas, onde fomos atirados novamente.
Contei quantas pílulas tinha. Havia dez para mim. Com certeza os outros também possuíam a mesma base. Comi duas e guardei o resto. Fui para o colchão e dormi. Passou algum tempo e acordei. Esperei um pouco e tocou uma sirene. Eu não devia ter dormido muito tempo. Comi mais uma pílula nutritiva e dormi novamente.
Foi assim por vários toques de sirene até as pílulas acabarem. Depois de umas duas sirenes, o guarda abriu a porta trazendo algumas pílulas. Escutei ele abrir as outras portas. Devia estar fazendo o mesmo.
Depois de umas quatro sirenes, as portas se abriram novamente, mas dessa vez, não para dar-nos comida, mas para sairmos das celas.
Quando encontrei com meus primos, todos estavam com umas caras boas, não estavam abatidos. Disseram que eu também aparentava estar bem.
Estávamos sendo levados novamente àquela sala onde o rei havia nos recebido da outra vez.
Fomos conversando pelo caminho.

– Aquelas primeiras pílulas acabaram antes de chegar as outras ou não? – Alexandre perguntou.

De todos haviam acabado.

– E as suas? – perguntamos.

– As minhas não. Eu nem toquei nas que vieram depois.

– Então você tinha mais e nos deixou passando fome? É? – perguntei.

– Bom, é que não deu tempo de dar mais pra vocês...

– Você vai ver o que é bom quando a gente chegar na Terra! Vai apanhar até! – disse Renata.

Alexandre começou a tremer, pois se desse um daqueles ataques de nervosismo na Renata, ele estava frito. O pior é que não era só a Renata que queria bater nele. Eram todos. Até Carla entrou no jogo:

– Deixa a gente chegar na Terra, Alexandre, deixa... – falou toda nervosinha.

Depois disso é que Alexandre deu o maior fora de sua vida.

– É, mas tá meio difícil da gente voltar pra Terra!

Renata não aguentou. Meteu um tabefe na cara do moleque. Os guardas agarraram Renata e nós o Alexandre, que enfurecido ameaçava matar.

Depois que os ânimos esfriaram, continuamos o caminho. Afinal chegamos naquela sala.

Capítulo XVII

O rei estava sentado como da outra vez e mandou-nos sentar à mesa novamente. Também tinha um vidro de pílulas em cima da mesa. Começamos a comer na hora. Ele falou:

– Não sei como vocês terráqueos não sofrem quase nada. Estão com a mesma aparência de quando entraram nas celas desde a última reunião.

Mal ele sabia que tínhamos uma boa dose de alimentação escondida.

Só para impressionar mais, Roberta falou:

– Nós terráqueos somos de aço!

Ele não falou nada. Depois de algum tempo, disse o que queria:

– Como é, já resolveram dizer tudo do que têm medo?

Gelamos. Não podíamos dizer nada. Ele repetiu:

– Do que vocês têm medo?

Roberta jogou mais uma na cara dele:

– De nada!

– Não pode ser. Não terem medo de nada! – disse furioso.

Pensou um pouco e falou:

– Tudo bem, atacarei a Terra com raios laser em breve.

Ficamos desesperados e falamos:

– Não, por favor, não ataque a Terra!

– Eu já desconfiava! Vocês não demonstraram medo de nada só para me fazer pensar que os terráqueos não eram temerosos, e eu não soubesse com o que atacar a Terra. Era só para ganharem tempo e planejar uma fuga, ou tentar avisar seu povo. Pois agora vocês estão vencidos.

E continuou:

– E vocês se acham muito espertos. Vocês estão sendo observados desde que chegaram. Tenho imagens de todos dentro das celas. Já sabia que iriam tentar fugir. Além de saber que roubaram pílulas de alimentação. Como são tolos!

Caramba! Ele sabia tudo! Com certeza as coisas não podiam ser tão fáceis como pensávamos.
– E também já sei sobre suas fraquezas. Estudei vocês e seus organismos.
– Como assim? – perguntei.
– Vocês não dormiram demais?
– Sim! – respondemos.
– Foi porque pulverizei sonífero em suas celas. Quando adormeceram, os levamos para o laboratório e fizemos vários exames. Agora sabemos todos seus pontos fracos. Já estamos desenvolvendo substâncias capazes de extinguir com a vida dos humanos em seu planeta. Os testes e tudo mais não importam nada. Queria entender mais sobre o funcionamento de suas mentes, só isso.
Agora tudo ficou bem complicado. Não dava mais para fingirmos. Estávamos com problemas sérios. Começamos a recorrer à emoção, algo tão humano.
– Não, por favor! Não ataque a Terra! – falou Renata.
– Por favor! – falou Alexandre.
– Pense no que esses dois mundos poderiam construir juntos! – disse Roberta.
Ele respondeu:
– Não adianta! A Terra vai ser minha!
– E quando pretende atacá-la? – perguntou Carla.
– Daqui a 72 horas!
– E depois de atacá-la, qual será o nosso destino?
– Ainda não sei, mas provavelmente o mesmo dos habitantes da Terra.
– E se eu for sua aliada? – perguntou Carla.
– O que, Carla, você aliada? Traidora! – disse Renata.
Sílvia ficou espantada com a atitude de sua irmã, passando a criticá-la.
– Não me interrompam! – disse Carla. –E então? Se eu for sua aliada? Pouparia minha vida? Eu sou muito jovem para morrer.
– Bom, se você fosse uma boa aliada que me desse todas as coordenadas de seu planeta, até que eu pouparia sua vida.
– Tudo bem! Mas há uma condição. – disse Carla.

– Qual? – perguntou o rei.
– Você teria que me dar um lugar de destaque no seu reinado.
Estávamos espantados com a sua decisão. Como poderia tomar essa atitude?
– Se você realmente colaborar... Feito! – disse o rei.
– Qual o lugar?
– Conselheira real dos meus dois mundos!
– Certo! Mas eu quero mais uma garantia.
– Qual?
– Que poupe meus primos e vou tentar convencê-los a ajudar também. E que nossos pais e irmãos sejam salvos.
– Acho que seja justo.
– Quando começo?
– A partir de agora. Se for o que deseja mesmo, pode se considerar em liberdade, e aonde eu for, você irá para aconselhar-me.
– Como você pôde, Carla? Como? – perguntou Roberta.
Carla se virou para o rei e perguntou:
– Meu senhor, posso conversar com meus primos? Quem sabe lhe arranjo mais conselheiros?
– Pode! – respondeu o rei.
– Vou falar-lhes na minha cela! – disse Carla com ar imperial.

Capítulo XVIII

A caminho da cela, falamos sobre o acontecido. Dois guardas nos escoltavam.
– Carla, o que você pretende? – perguntou Renata.
– Como poderia pensar que a minha própria irmã faria uma coisa dessas conosco? – disse Sílvia desolada.
Carla, por sua vez, permanecia quieta sem falar nada.
Falei aos outros:
– O que será que aconteceu com ela? Vocês acham que iria mudar assim de uma hora para outra?
– Eu não acho! Afinal ela está tentando nos salvar e a nossa família. – falou Renata.
– Pra mim, ela está tramando algo... – falou Roberta.
– É, mas o que? – disse Sílvia.
– Não sei. Pra mim, ela fez aquilo pra nos ajudar. Vamos esperar. Ela deve nos dizer logo. – falou Alexandre.
– É, pode ser... – disse Sílvia, um pouco mais conformada.
Carla continuava sem abrir a boca o caminho todo. Estávamos pensando o que estaria se desenrolando naquela cabecinha...
Quando estávamos chegando bem perto, Carla fez um sinal para os guardas, que ficaram parados num corredor e deixaram-nos prosseguir sem ninguém. Aquele caminho daria nas celas somente, então não havia chance de fuga, mas mesmo assim, ficamos espantados com o poder da menina e falamos:
– Como é que eles obedecem?
– Muito bonito da sua parte o que fez, né mocinha? – falou Sílvia.
– O que você pretende? – Roberta.
– Traidora! – Alexandre.
– Mentirosa! – Renata.
– Espera pessoal! Vamos ver o que a princesinha tem a falar. – eu disse.

– Muito bem! Posso falar? – perguntou.
– Desembucha logo, bicho ruim! – falou Roberta.
– Não é nada do que vocês estão pensando! E não podemos falar na cela. Então escutem agora e na cela falarei outras coisas – falou Carla.
– Então o que é? – perguntei.
– Foi tudo um plano inventado por mim. Escutem...
Finalmente chegamos à sua cela. Ela mandou que entrássemos e fechou a porta. Sentamos no chão e ficamos esperando para ver o que acontecia. Ela sentou-se também e fez um belo discurso tentando nos convencer a colaborar, que era nossa única alternativa, etc.
Discutimos, brigamos, fizemos um show. Era uma ótima encenação. Depois de meia hora já tínhamos acabado a reunião. Fomos em direção de onde estava o rei, novamente. Quando chegamos onde os guardas estavam, Carla fez sinal e eles voltaram a escoltar-nos.
Finalmente chegamos à presença do rei. Carla falou:
– Meu rei, eles têm algo a dizer.
– Pois que digam! – falou.
– Também queremos ser seus aliados! – dissemos com imensa tristeza.
O rei olhou pra Carla e disse:
– Vejo que seu trabalho de conselheira já deu certo com os prisioneiros. Está bem, vocês ocuparão o cargo de estrategistas espaciais no auxílio à guerra. Farão um mapa de onde devemos atacar primeiro, onde os terráqueos serão pegos de surpresa mais facilmente, e onde as armas utilizadas farão maior efeito. Confio em vocês!
– Sim, Vossa Majestade.
– E tem mais. De agora em diante poderão transitar pelo planeta como seres livres. Terão um quarto para todos, como haviam pedido.
– Mais uma coisa, meu bom rei.
– Sim?
– Nós queremos ver o ataque e resgatar nossas famílias.

– Ótimo! Vocês irão na minha nave! Agora vamos fazer os preparativos. O que vocês me aconselham estrategistas?
– Qual será a arma que será utilizada? – perguntamos.
– Será uma arma química que foi criada baseada em sua composição corporal. Ela atacará somente aos humanos. Animais e plantas não serão contaminados. Temos um antídoto. Vocês tomarão isso para não haver perigo.
– E como protegeremos nossas famílias? O veneno age rápido, não? – perguntamos.
– Atacaremos a região de suas casas no final, assim os resgataremos primeiro.
– Ok.
– Bem. Achamos que o ideal seja usar umas duas mil naves, afinal, será um ataque inesperado e global, de maneira que os terráqueos não poderão fazer nada. Começaremos pelas áreas de maior concentração populacional e depois as menos povoadas. Todo o planeta deverá ser coberto em menos de uma hora, para não haver tempo de defesa. Precisam de naves que não sejam vistas pelos radares.
– Agora você, minha conselheira, o que acha do plano?
– Está tudo bem, meu rei. Os estrategistas são confiáveis. – acrescentou Carla.
– Pois bem. Agora façam os mapas de estratégia e depois poderão ir para seus aposentos.
Começamos nosso trabalho e o fizemos de forma séria. Colaboramos com o exercito do planeta. Demos todas as informações. Precisávamos parecer muito sinceros e verdadeiros. Já se passara um dia terrestre quando terminamos finalmente as estratégias. Apresentamos ao rei, ao chefe do exército (aquele que foi á sala de testes) e à conselheira, sendo aprovados. Depois, nos dirigimos para os aposentos. A conselheira também.

Capítulo XIX

O novo quarto era perfeito. Havia portas que abriam e fechavam automaticamente, seis camas confortáveis, um circuito que ligava uma música estranha, tinha uma mesa com cadeiras na qual havia vidros de pílulas nutritivas, janelas e um mundo de coisas.

Bom, estava na hora de entrar em ação a segunda parte do plano.

Esperamos a sirene de recolhida.

Precisávamos de alguns utensílios para ajudar-nos no plano de fuga. Para não dar muito na vista, resolvemos que devia ir um de cada vez, com espaço de tempo e durante o turno de recolhimento.

– Quem vai primeiro? – perguntei.

– Você!!! – responderam.

Não havia outra maneira senão eu ir. Meu objetivo era pegar uma arma. Mas como? Tinha que ser naquelas salas onde tinha um monte de coisas que vimos na vez que fugimos. Mas será que ninguém estaria nos observando? No quarto deveria ter câmeras, ele nos veria saindo, mas até aí, estávamos liberados. Porém, não poderíamos mostrar as coisas no quarto para não comprometer-nos. Teríamos que nos arriscar. Enfim, lá fui eu. Rezando pra achar algo logo. Fui andando, abrindo uma porta e outra. Por sorte, uma era de um dos depósitos. Entrei.

Muitas prateleiras e muitas gavetas. Algumas coisas eram visíveis, outras não. Meu Deus, como achar o que precisava? E teria alguma câmera ali? Precisava correr o risco. Não tinha jeito. Comecei olhando pra cima e pra baixo, pra ver se tinha algo que eu queria. Quanto mais andava por aquele lugar, mais me fascinavam as coisas. Era muito grande. Fui andando e andando. De repente, cheguei em frente a uma nova porta, pequena e escondida num canto. O que teria ali? Afinal, estava no prédio que era o coração do governo do planeta. Toda a informação estaria arquivada ali. Não resisti. Toquei a porta com minha mão e

ela se abriu. Com certeza, nosso passe livre estava funcionado. Ou seria mais alguma armadilha?

Dentro da sala havia livros! Acredite se quiser: livros! Como assim? Num lugar tão desenvolvido, por que haveria de ter uma sala com livros? E eram muito velhos! Muito mesmo. Porém não eram de papel. Eram de algo diferente que apesar da idade ser aparente, não se desmanchavam e não estavam amarelos. Só tinham aspecto de velhos. Tinha de todos os tamanhos.

Peguei um e abri. Estava em uma língua incompreensível é claro. Não haveria como saber o que diziam. Porém, algo me deixou boquiaberto. Tinha desenhos. Desenhos que lembravam e muito, mas muito mesmo, hieróglifos egípcios ou coisas do tipo. Tinha desenhos de pessoas como os que temos nas pirâmides. Será que o que eu estava vendo fazia sentido? Folheando o máximo de livros que conseguia, fui vendo mais e mais ilustrações. Tinha uma com galáxias e planetas. Cenas que eu não tinha a menor ideia do que seriam. Porém, cheguei a uma que parecia muito com nosso sistema solar. Em outro, finalmente me deparei com a prova que eu precisava: havia nitidamente uma pirâmide desenhada em um deles.

Eu precisava levar um. Peguei o da pirâmide, que não era muito grande, e enfiei no bolso. Continuávamos com nossos macacões verdes, apesar de nossa nova posição. Até que foi uma boa ideia, pois tinham bolsos. Fechei a porta e saí para o depósito novamente.

Fui abrindo e fechando tudo que conseguia. Achei algumas coisas que precisava. Cordas. Mas não eram cordas iguais às nossas, eram brancas e de um material esquisito.

Seriam bem úteis. Agora precisava de alguma arma. Onde? Onde? Não achava nada.

De repente, a porta se abriu! E agora? Quem seria? Agachei-me atrás de uma das estantes e lá fiquei, quieto. Em minha cabeça se passaram todas as possibilidades: alguém me viu? Sabem que estou aqui? Fui descoberto?

Fui tentando ver quem era. Mas não via nada. Escutava passos e alguém

mexendo nas gavetas. Mas não falava nada. Resolvi me mexer. Fui quase me arrastando pelo chão. Depois de me arrastar por uns cinco minutos, consegui ver pés por baixo das estantes. E pernas! Pernas vestidas de verde!
Levantei e fui correndo encontrar minha prima. Era a Carla!
– Carla!
Ela tomou um susto enorme! Quase desmaiou!
– Por que você saiu? Era pra esperar eu voltar.
– Você estava demorando. Resolvemos que eu devia sair também. Como sou a conselheira, seria menos suspeita e poderia te procurar. Mas achei este lugar e resolvi pegar o que precisava.
– Ok. Que medo! Achei que era um guarda. Eu já achei cordas. E um livro! Você nem imagina o que tem nele. Depois te falo. Achou algo?
– Achei isto.
Mostrou-me uma arma paralisante!
– Como? Onde achou?
– No caminho vi várias caixas em uma das salas próximas à sala dos testes. Acho que estão transportando para o ataque. Peguei duas.
– Muita sorte! Vamos voltar!
– Não! Ainda precisamos de mais uma coisa!
– O que?
– Um capacete com tradutor! Isso será importante para entendermos o que falam.
– Mas é algo muito grande! Difícil de esconder. Não dá.
– Temos que ter um de qualquer jeito.
– Mas não vi nenhum e não são todos que usam esse capacete. Podemos pedir ao rei para ajudar na nossa comunicação com os outros soldados.
– Ok. Vamos tentar esse plano. Vamos voltar.
Saímos de lá e corremos para o quarto. Nossos bolsos estavam um pouco cheios, mas conseguimos disfarçar. Nossos primos estavam preocupados. Falamos que eu fui procurar alguém para ver se tinha algum remédio pra dor de cabeça e

Carla disse que me achou, mas que eu não tinha achado ninguém pra ajudar. Tremenda mentira, mas não sabíamos se estávamos sendo vigiados ainda. Deitamos e colocamos as coisas embaixo das “cobertas” extraterrestres. Eram parecidas com as nossas, mas muito mais finas e quentes. Por hoje estava bom. Afinal, tínhamos tudo que precisávamos. Ninguém mais ia precisar sair.

Capítulo XX

Na próxima sirene de acordar, lá fomos nós conversar com o rei. Os preparativos continuavam a todo vapor. Chegamos à sala real e Renata perguntou:

– Será que poderemos usar capacetes como o seu? Caso precisemos nos comunicar com alguém de seu planeta?

– Vocês não precisarão. Estarão comigo o tempo todo.

Carla falou:

– Majestade, acho que seria conveniente eu ter um desses. Caso o senhor tenha alguma emergência e tenha que se separar de nós, não conseguiremos nos comunicar com seus soldados.

– Os da nave terão os capacetes. Não precisarão.

– Digo das outras naves. Se formos atingidos ou algo acontecer. Sabemos que nada acontecerá, mas acho que seria prudente. Afinal, o uso do capacete somente será útil junto ao seu povo, então não haveria nada de errado.

– Ok. Você terá um. Venha ver como funciona.

Bingo! Carla tinha um capacete! E o rei estava ensinando tudo para ela.

Depois da explicação, investimos em mais um preparativo. Carla perguntou a ele:

– Senhor, tenho uma curiosidade, vejo que não se separa desse medalhão. O que significam esses desenhos?

– Este medalhão é uma relíquia de nossas origens. Ele vem sendo repassado de rei a rei por milhares de anos já. Os desenhos na verdade são pequenos compartimentos onde fica uma ínfima amostra de DNA de cada governante que reinou com ele. É uma preciosidade para meu povo e deve ser usado sempre pelo rei. No caso de uma ameaça à raça, podemos regenerá-la através das amostras.

– Nossa! Que história bonita. Incrível essa capacidade de preservar a genética de vocês. Mas não é arriscado usá-lo? Não tem mais dessas amostras em outro lugar?

– Temos, mas em número bem menor, de governantes mais recentes. Aqui estão todas, pois sempre foi esse o costume.

Esta informação era muito importante pra nós. Faltava apenas um dia para a viagem. A cada sirene que passava, aumentava a vontade de voltar. O que favorecia muito nosso plano é que o chefão nem desconfiava de nós, a ponto de irmos em sua nave.



Capítulo XXI

Finalmente tocou a última sirene. O rei mandou chamar-nos. Fomos à sua presença e ele disse:

– É hoje o grande dia! Vamos partir agora mesmo. Aqui, peguem o antídoto da arma química. Quando estivermos próximos ao ataque, abram e tomem. Estamos levando para seus familiares também.

Entregou-nos uns pequenos tubos de ensaio com um líquido de cor rosada. Guardamos nos bolsos.

Dirigimo-nos àquele aeroporto engraçado e tomamos a nave maior que havia. Estava o maior alvoroço por lá de modo que as nossas armas e outras coisas passaram perfeitamente pelos guardas. Estávamos levando pílulas também. Dentro da nave havia uma divisão, o que nos preocupou. Na frente da nave iam os guardas, que dirigiam, e o rei sentado atrás. Depois havia uma divisão com uma porta transparente que parecia de vidro, mas era feita de outra coisa. Era do mesmo material do compartimento em que fomos presos quando viemos para o planeta. Essa parede ocupava toda a extensão da nave e nós íamos atrás, sentados em nossas cadeiras. O rei ficava totalmente separado de nós.

Havia uma espécie de fechadura que ficava ao lado da porta, mas era algo digital, não sei. Os guardas e o rei quando passaram, simplesmente fizeram movimentos com as mãos em frente a ela e a porta se abriu. Era como um leitor de código de barras ou algo do tipo? Será que nós conseguiríamos abrir?

Foi dada a partida para o ataque. Nós só executaríamos a próxima parte do plano, depois que a viagem passasse da metade. Enquanto isso, eu e Sílvia (os maiores) estávamos encarregados de aprender a dirigir a nave ou o mínimo possível para fazê-la voar.

Pelo que vimos, parecia simples. A primeira coisa que fizeram foi inserir um pequeno dispositivo em uma fenda no painel de controle. Aquilo deveria ter a rota pré-programada ou algo do tipo, pois apareceu um monte de informação da

galáxia no tal painel. Depois dos pilotos terem ajustado tudo, só aceleravam. Com certeza havia uma programação de rota. Se nosso plano desse certo, o que viesse depois não fazia diferença.

Estávamos voltando pela nossa rota de ida muito provavelmente. Nosso ponto de agir seria por volta de metade do trajeto. Conseguíamos ver alguns pontos de destaque nas telas do painel de controle. O que parecia a Terra ainda estava longe. Tínhamos que estar pelo menos na metade do caminho ou um pouco mais. Ainda faltava algum tempo para chegarmos lá. O que favorecia muito a nossa fuga, era que as outras naves não ousavam passar a do rei, portanto não veriam nenhum movimento estranho dentro da nave, se é que isso seria possível de perceber.

Finalmente estava chegando a hora.

Falei para a Sílvia ir tentando abrir a porta. Discretamente ela se levantou e passou a mão e nada. Mão pra cima, pra baixo, de lado, de costas. Parecia um balé. Mas nada abria a porta. E agora?

Os guardas e o rei abriam facilmente. O que será que eles tinham que ela não tinha? Será que precisava cadastrar alguma senha, imagem, leitura de íris? Aí veio a ideia: eles tem capacetes. Será que é isso? Fiz sinal para os outros e apontei para Carla, que tinha um capacete. Será que era isso? Dessa vez, ela foi fazer o movimento. Se não abrisse com ela, o único jeito seria tentar quebrar aquilo. Mas seria uma tentativa que poderia não funcionar.

Carla se levantou e foi até a tal fechadura. Passou a mão em frente e conseguiu abrir a porta sem provocar nenhum barulho. Ótimo!

Estava na hora. Será que daria certo? Tiramos a arma do bolso, pegamos a corda e falei baixinho:

– Como combinamos, hein pessoal?

Capítulo XXII

Eu e Sílvia tínhamos armas. Renata, Roberta e Alexandre tinham a corda.
Dei o sinal:
– Já!
Saímos correndo para a parte da frente, onde o chefe ficava. Eu e Sílvia disparamos contra os pilotos as armas paralisantes. Tiramo-los dos controles, que passamos a assumir.
Enquanto isso, os outros três pegaram o rei e o amarraram.
Roberta ficou nervosa com o rei que não parava de se mexer e deu uma chave de braço nele. Mas ele tentou lutar, e muito. Ficou com uma cara de quem não acreditava no que estava acontecendo. Precisávamos dele em boas condições para a última parte do nosso plano.
– Muito bem, chefinho. Vai ter que fazer um discursinho! – disse eu ao rei.
– Não vou fazer nada, seus traidores!
– Vai sim! – disse Roberta.
Ele falou:
– Vocês, em quem eu confiava, me traindo agora. Você também, minha conselheira? Em quem eu mais confiava de todos. Nunca imaginei que fariam algo contra mim.
– Olhe, vou lhe ensinar uma nova frase que acabamos de inventar: Não confie nos terráqueos! – respondeu Carla.
– Como é? Vai falar ou não? – disse Alexandre.
– Falar o que? – perguntou.
Nós lhe demos o papel e dissemos:
– Isso. Você vai falar na sua língua para as outras naves.
– Nunca! Nunca falarei isso!
– Você escolhe, ou fala ou morre...
Claro que não íamos matar ninguém, mas tínhamos que fazê-lo cooperar.

– Essas armas que vocês têm são de raios paralisantes. Não matam ninguém. – disse o rei, confiante.
– Aquelas são, estas não! – disse Alexandre mostrando as armas dos guardas que estavam paralisados.
– Como é? Vai falar ou não? Você não tem escolha. Se não falar, a Carla pode falar em seu nome... Esqueceu-se de que ela tem o capacete com o tradutor? – perguntei.
O rei nessa hora entendeu que aquilo tinha sido mais um golpe. Estava muito bravo.
– Não falarei nada. Ela que tente falar por mim. Vamos ver se vão acreditar.
O que faríamos? Com certeza se ela falasse, inspiraria dúvidas no exército do rei. Tentamos mais uma saída:
– Bem, você quem sabe. Pense somente o seguinte: você está aqui conosco. Podemos fazer o que quisermos com você e ainda iremos pra Terra. Você vai com a gente e será interrogado pelos nossos governantes. Vai acabar preso se não mudar de ideia quanto ao ataque. Não seria mais inteligente colaborar conosco? Ser amigável? Afinal podemos te ajudar a se livrar de maiores acusações. Só não queremos que destrua tudo antes de dialogar. Colabore!
– Não falarei nada!
Então só restava o apelo final. Retiramos o medalhão do rei. Ele estava espumando de raiva, pois não havia maior relíquia para ele do que aquilo:
– Veja bem. Se não fizer o discurso, simplesmente lançaremos esse medalhão pelo espaço. Não sabemos onde é a saída para isso, mas com certeza vamos achar. E se não acharmos, vamos destruí-lo de alguma forma.
Sua cara era de indignação total. Como ousávamos profanar algo tão sagrado? Mas não havia escolha, era a última cartada.
Ele não podia por em risco sua história. Não era nenhum idiota e sabia que naquele momento seria melhor colaborar. Mesmo que fosse contra sua vontade. E ainda tinha a esperança de tentar avisar seus súditos depois.
– Está bem! Eu falo!

Ele faria alguma coisa. Não podíamos confiar nele.
– Se nós virmos só uma nave continuar nos seguindo depois que você falar, nós não teremos piedade. Você morre!
– Carla, ligue o tradutor aí para você entender o que ele vai falar...
– Vamos fazer o pronunciamento. Rei, nos mostre como ligar a comunicação entre as naves. – disse Sílvia.
Ele apontou um botão. Ligamos e uma tela tridimensional apareceu.
– Cuidado para que eles não nos vejam. Eu fico atrás do rei com a arma, para qualquer eventualidade. – falou Renata.
Ele começou a falar o que, na nossa língua seria o seguinte:
– Meus súditos. A invasão foi cancelada por conselho dos terráqueos, que acham melhor averiguarmos o planeta antes. Há indícios de que estão mobilizando exércitos. Podem ter captado alguma coisa sobre nosso ataque. Voltem para Ligrow e aguardem novas ordens!
Nesse instante, vimos pelo radar da nave, as outras voltando para trás.
Finalmente, havíamos conseguido algo de concreto na nossa fuga. Quase choramos de alegria por estarmos voltando para a Terra.
Nesse instante, o rei falou:
– Não pensem que isto vai ficar assim...
Ao que Renata respondeu:
– Vamos amarrar um pano na boca desse cara!
– É isso aí! – apoiou Roberta.
Pegamos um pedaço da capa do rei e amarramos na sua boca. Ele ficou todo ofendido. Nós falamos que ele já era. Ele tentou responder e saiu isto:
– Hum! Hum!
Pra que! Caímos na risada. Ele mudou até de cor.

Capítulo XXIII

As horas foram passando e nós cada vez mais perto de nosso destino. Nessa instante, avistamos a Terra a olho nu. Uma estrela ainda, mas ela estava lá. Que alegria. Finalmente víamos o desenho daquela bola azul da qual tanto gostávamos. Mas ainda faltavam umas duas horas para chegarmos.

De repente, fomos surpreendidos por alguns solavancos na nave. Olhamos e o que vimos não nos agradou nada. Era uma chuva de meteoritos.

Tínhamos que tirar a nave do automático. Meu Deus! Agora ia ser muito complicado. Começamos a desviar pra lá e pra cá.

Tiramos o pano da boca do rei que falou:

– Vocês vão nos matar! Atirem nos meteoritos. Apertem esses botões ao lado. Eles disparam lasers.

Apertamos. Saíram uns raios laser que destruíram alguns meteoritos, mas mesmo assim, precisávamos sair da rota porque eram muitos. Com nossa falta de prática, a coisa estava feia. Esbarramos em alguns deles, escapamos de vários, mas a situação era bem grave.

Nesse momento, vimos um meteorito enorme vindo em nossa direção. Disparar não ia adiantar. O rei falou:

– Tudo pra cima! Vamos! Puxem a direção!

A nave subiu quase em linha reta. O meteorito estava vindo e nós subindo. Parecia que estávamos escalando o Everest, pois nunca acabava aquela pedra. Mas, felizmente, escapamos. Depois dessa, estávamos todos em choque. Mas não tinha tempo a perder.

Retornamos à rota e a chuva foi acabando. O rei até ajudou, explicando o que fazer. Com certeza ele não queria morrer por causa de um bando de crianças.

Alexandre, que estava mais branco do que um fantasma, disse:

– Puxa! Pensei que essa fosse minha última viagem...

Todos riram

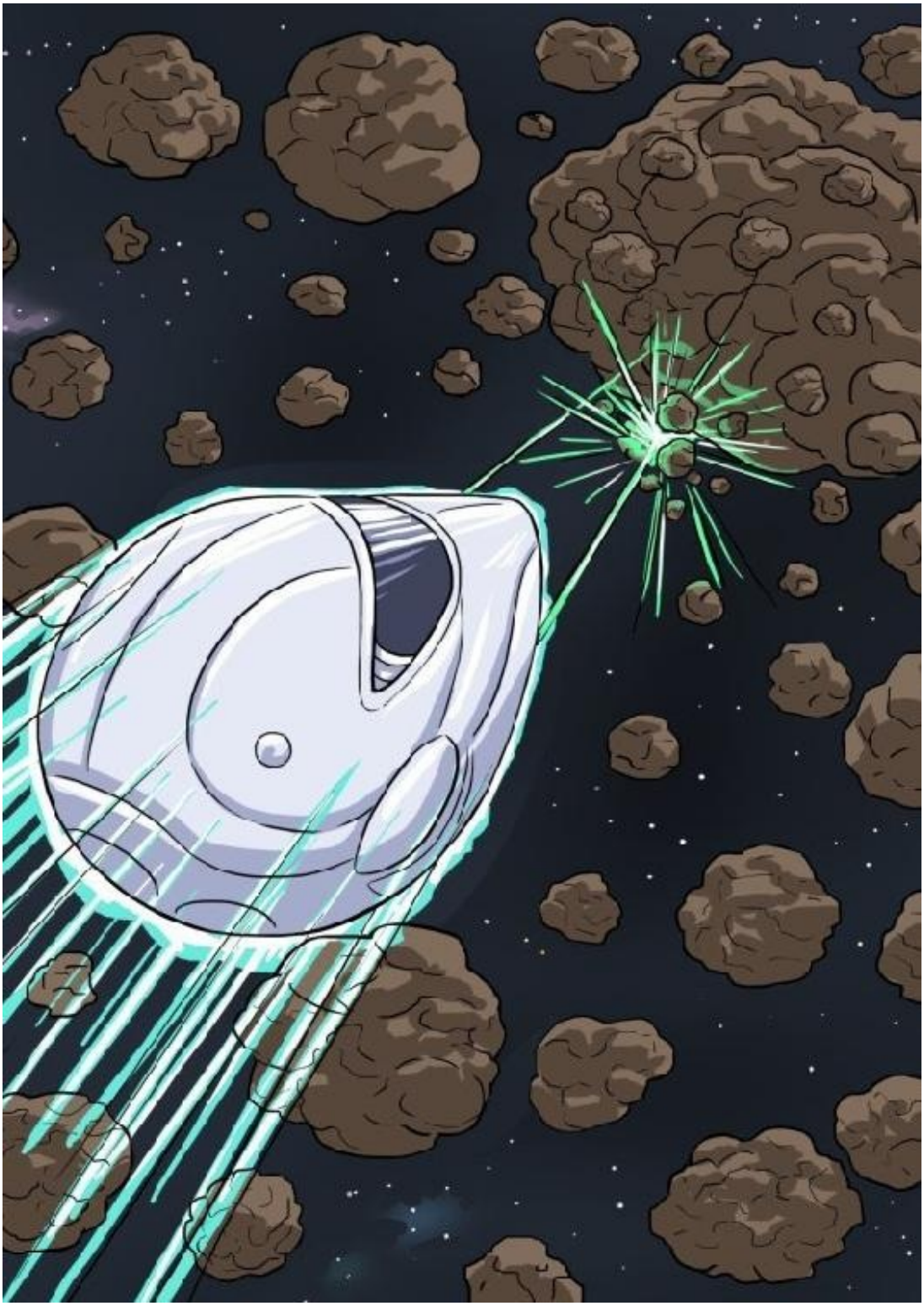
– Eu também pensei! – falei.

Os outros se olharam e falaram:

– Você, que dirige a nave, também achou que era sua última viagem?

– Coitados de nós, que pensamos que vocês dois soubessem mexer com essas coisas.

Eu e Sílvia nos olhamos e começamos a rir, para não chorar do susto que havíamos passado.



– Agora só tem um problema: como fazer esta nave aterrissar... – falei.
Sílvia então perguntou ao rei:
– Como é que faz pra aterrissar esta nave?
– Primeiro vocês têm que apertar o botão vermelho e depois o amarelo quando estiverem a menos de quinhentos metros de onde quiserem pousar.
Ele estava colaborando bastante. Ficamos até meio desconfiados. Enquanto isso, os guardas continuavam paralisados, caídos num canto da nave.
De repente, sentimos outro solavanco, mas desta vez não eram meteoritos e sim a órbita da Terra.
– Viva! Chegamos à Terra! - falou Renata.
– Graças a Deus! – disse Alexandre.
– Ainda é um pouco cedo para festejar. Precisamos ver se a aterrissagem vai ser boa! – disse Sílvia.
– Ela está certa! – falei.
– É, mas pelo que passamos até agora, isto já é uma vitória! – disse Roberta.
– É mesmo! – afirmou Carla.
Faltavam ainda uns quinze minutos para chegarmos, quando perguntei aos outros:
– O que vocês acham melhor? Ir para a fazenda ou ir direto avisar a patrulha estelar? Por votação. Você primeiro, Renata...
– Patrulha!
– Alexandre?
– Patrulha!
– Sílvia?
– Patrulha!
– Carla?
– Patrulha!
– Roberta?

– Patrulha!
– Eu também acho melhor avisar a patrulha!
E prosseguimos viagem.
– Uma vez, o tio nos levou para ver as imediações da Base. Vocês lembram onde é?
– Não. Mas é só você andar nas redondezas da fazenda que a gente encontra. Não era muito longe. – disse Sílvia.
– Nós não podemos parar na Base, senão eles podem disparar contra nós pensando que somos seres perigosos.
– É verdade, precisamos parar um pouco longe. – disse Roberta.
– Chegamos! Agora precisamos encontrar a Base.
– Nossa! Vocês precisam achar essa Base logo. Olhem só as caras das pessoas da cidade ali, Daqui a pouco a patrulha estará sabendo.
– Olhem a fazenda! – gritou Renata.
Alexandre e Carla se abraçaram e começaram a chorar de emoção. Afinal de contas, só tínhamos que chorar de alegria, depois do que havíamos passado.
– Bom, agora só temos que achar a Base. Pra que lado vamos? – perguntou Sílvia.
– Pra nenhum! – respondi.
– Como pra nenhum? – perguntaram preocupados.
– Nós vamos subir, para que tenhamos um campo maior de visão, e não perderemos tempo.
Subimos e demos algumas voltas por cima para achar a Base. Não vimos nada.
– Vamos subir mais! - disse Carla.
– Aposto que agora nós achamos. – falou Alexandre.
Subimos bastante.
– Lá está! – gritei.
– É mesmo! – disse Carla.
– A essa hora, os radares deles já devem ter avistado a gente. Eu acho bom pararmos correndo em qualquer lugar e ir pra lá! – Roberta me disse.

– Tá certo! Vamos parar um pouco mais perto e sair correndo!

Começou a contagem regressiva:

– Dez, nove, oito, sete, seis, cinco, quatro, três, dois, um, zero...

Botão vermelho. Botão amarelo.

Shhhhhhh.

– Aterrissamos!

Capítulo XXIV

– Baixa a porta logo! – gritou Alexandre.
– Já vai! – falou Sílvia.
Clanc.
– Pronto! Vamos embora! – falei.
– Espera um pouco... – disse Sílvia – vocês estão trazendo as armas e as pílulas?
– Está tudo aqui. – dissemos.
– Vamos levar o dispositivo de rota. Pode ser importante! – falei.
Tiramos a pequena peça da abertura no painel e coloquei no bolso.
– Vamos sair rápido! – disse Alexandre.
– Não sei por que ainda não saiu. – resmungou Renata.
Alexandre saiu correndo que nem um louco para o lado de fora da nave e começou a dançar o frevo.
– Isso lá é hora de dançar, moleque? – falou Roberta.
– Bom, nós conseguimos aterrissar. Agora só falta ver se daremos o próximo passo direito. Vamos! – afirmei.
À volta da Base havia muito mato, para que ninguém a avistasse tão facilmente.
Perguntei ao pessoal:
– O que vocês acham melhor? A gente chegar com todo mundo vendo ou irmos escondidos?
– Em minha opinião, nós devemos aparecer no portão e se eles não acreditarem, nós usamos as armar paralisantes e as dos guardas para mostrar-lhes que não é mentira. – falou Roberta.
– É. Isso que ela falou deve ser o mais lógico a se fazer. – disse Renata.
– E vocês aí? Concordam? – perguntei aos outros.
– Concordamos!
Continuamos correndo. De repente me lembrei do rei que havia ficado na nave.
– Pessoal! O rei e os guardas ficaram na nave!

– Ih, caramba! – falou Alexandre.
– Ele está bem amarrado e os guardas estão paralisados, e eu acho melhor nós continuarmos o caminho para a Base. Falta menos de um quilômetro para chegarmos. – disse Carla.
– É, acho que é melhor assim. Chegando lá, pedimos para correrem para a nave. Isto se já não estiverem indo até ela. – falei.
Continuamos correndo pelo mato. Corremos mais do que lebres até que chegamos lá.
Fomos direto ao portão principal. Este estava fechado e havia dois guardas tomando conta. Começamos a gritar:
– Abram as portas! Precisamos falar com o chefe de vocês! Abram!
Um deles falou:
– Não podemos abrir para estranhos. Ainda mais para crianças vestidas de astronauta!
– Deixem-nos entrar... A Terra pode ser invadida a qualquer momento por extraterrestres!
– Hahahaha! Não nos façam rir!
– Ah, é assim, né? Pois vocês vão ver onde é que está a brincadeira! Carla, me passa uma arma dos guardas, por favor!
– O que vocês vão fazer? Que brinquedos estranhos são esses?
– Vocês já vão ver! Se afastem porque isto não é brincadeira! Vou disparar!
Tzzzzzzzzz.
O portão se desintegrou. Os guardas ficaram apavorados e saíram correndo, avisando toda a Base pelo rádio.
Nós entramos e começamos a procurar alguém que tivesse um cargo importante lá dentro. De repente, vimos um homem cheio de medalhas em seu uniforme e corremos até ele.
– O que o senhor é?
– General. – respondeu.
–Nós precisamos de sua ajuda.

– O que aconteceu? – perguntou.
Nesse momento, vários soldados já estavam posicionados a nossa volta com armas apontando pra nós. Levantamos os braços e falamos:
– Calma! Podemos explicar! Tudo começou quando fomos capturados por uma nave na fazenda de nossos tios. Ficamos prisioneiros no planeta e finalmente conseguimos fugir!
– Ah, crianças, não me venham com brincadeiras, sim? – falou o General.
– O senhor não recebeu nenhuma queixa de desaparecimento de algumas crianças na fazenda do seu Carlos?
– É verdade! Houve grande alvoroço por aqui há algum tempo atrás. Nós fomos chamados à fazenda do seu Carlos, pois se acreditou que seus sobrinhos haviam sido sequestrados. Ninguém conseguiu descobrir nada, a não ser algumas pegadas e rastros no cafezal, que estava um pouco queimado.
– Então! Essas crianças somos nós! Só para o senhor não duvidar mais, veja o que eu faço com aquela árvore. Olha, vou apontar para a árvore. Não vou atirar em ninguém... – falei mostrando bem a arma e fazendo movimentos bem suaves. Disparei contra a árvore, a qual se desintegrou também.
– E então, o que acha? Veja também nossas roupas e essas pílulas. Prove uma.
– São alimentos. Então é tudo verdade!
– É claro! Eles vinham atacar nosso planeta quando demos um golpe e fizemos o rei cancelar o ataque. – dissemos.
– Mas... Onde está esse rei?
– Ele está na nave em que viemos. Vocês não captaram o nosso sinal no radar?
– Não! Faz uma meia hora que os radares estão em pane. – falou o General.
– É mais ou menos o tempo que chegamos. Deve haver algum dispositivo na nave que faz com que os radares não funcionem.
– Onde é que está a nave?
– Nós pararmos a uns dois quilômetros daqui naquela direção. – apontamos.
– Vou mandar uma patrulha de busca até lá! – disse o General.
– O rei está amarrado e os guardas estão paralisados. – avisamos.

– Vamos entrar para conversarmos mais. – ele disse.

Capítulo XXV

A Base por fora era magnífica, mas nem se comparava com o mundo de equipamentos da parte de dentro. Era algo totalmente diferente.

– Onde fica esse planeta? – nos perguntou o General, nos mostrando um mapa.

– É em outra galáxia e ele não é detectado pelos nossos radares porque eles possuem um dispositivo antirradar. Mas nós achamos que com sua ajuda, nós conseguimos voltar lá. Além do mais, temos isto aqui.

Retirei o programador de rota, se é que podemos chamar assim.

– O que é isso? – perguntou.

– Eles colocam isso em uma abertura no painel da nave e a programação segue. Deve ser algum tipo de piloto automático. Será que conseguem decifrar?

– Teremos que decifrar de qualquer jeito.

Chamou alguns outros oficiais e pediu para que levassem ao laboratório para análise e tentar extrair as informações. Voltou até nós:

– Certo! E qual é o plano deles?

– Eles querem atacar o planeta. Não para destruí-lo. Eles somente desejam acabar com os terráqueos.

– Por que?

– Porque no planeta deles o sol se apagou, mas eles desenvolveram um modo artificial de aquecê-lo. Agora desejam se apoderar do nosso planeta por causa do sol e também para formar um império maior.

– Alguma chance de diálogo? Esse tal rei pode mudar de ideia? Porque se tivermos que entrar em guerra e tentar destrui-los, estaremos agindo como eles... Não há como proporem a paz?

– Eles estão absolutamente certos do que querem. As naves que vinham pra cá, carregavam essa arma química. Tentamos de todo jeito convencê-los a sermos amigos, mas o rei não desiste. Veja, este é o antídoto que deveríamos tomar para não sofrermos os efeitos.

– Bem, vamos esperar os guardas voltarem com eles e vemos se tem algum modo de conversarmos. Quanto a este antídoto, vai para o laboratório para verificação. Se conseguirmos desenvolvê-lo, pouparemos mais vidas.
Nesse instante, alguns guardas da patrulha de busca entraram na sala e disseram que a nave partiu antes que pudessem chegar ao local.
– Então ele se soltou... – falou Carla espantada. – Temos que ir atrás dele. A essa hora ele já deve ter avisado as patrulhas de seu planeta e elas devem estar vindo pra cá.
– Nesse caso, devemos montar uma estratégia imediatamente. Venham! Vamos à sala de reuniões. Vocês precisam nos dizer tudo que sabem. E precisamos avisar ao mundo todo.
Entramos em uma reunião rapidamente onde dissemos tudo o que sabíamos.
O General disse aos guardas que preparassem uma nave para ele e pediu aos oficiais da Base que avisassem aos outros países o que acontecia. Estes deveriam partir em direção ao planeta junto conosco.
A Base ficou um alvoroço. Na sala de comunicações era gente falando em todas as línguas com todas as partes do mundo.
– A nave está pronta? – perguntou o General aos guardas.
A resposta foi afirmativa. Ficou acertado que também iríamos, pois conhecíamos muita coisa e éramos importantes nesse processo. Talvez as naves terráqueas não fossem tão possantes ou poderosas como as dos extraterrestres, mas tínhamos já um arsenal muito bom. As conquistas espaciais tinham se multiplicado nas últimas décadas e o Sistema Solar já era algo bem conhecido, porém além dele era algo inédito.
Trocamos nossas roupas por roupas militares. Dirigimo-nos à nave. Antes de chegarmos, lembrei-me que não tínhamos avisado nossos tios que estávamos bem. Também, os meios de comunicação logo estariam divulgando a nossa história. Só imagino a surpresa de nossos pais quando vissem na TV.
Tomamos a nave e começamos a subir. O General falou:
– Conseguimos as informações do dispositivo de rota que vocês trouxeram.

Vamos seguir as coordenadas!

Capítulo XXVI

Lá estávamos nós de novo em outra aventura espacial. Que coisa incrível para seis pré-adolescentes!

A nave era bastante boa e rápida. Talvez conseguíssemos avistar a nave do rei ainda, pois tudo havia acontecido muito rápido. Não haveria de demorar muito. Além do mais, deviam estar na programação de rota manual, o que deveria deixá-los mais lentos. E talvez fosse o rei a dirigir, pois não sabíamos se tinham como acabar com o efeito paralisante em que deixamos os guardas.

Mais de uma hora se passou e nada. A chuva de meteoritos estaria logo à frente pelos nossos cálculos. Avisamos o General.

Nesse momento, avistamos a nave do rei que ia muito rápido. Começou a perseguição. Quem quer que estivesse dirigindo, era muito bom de manobras, de maneira que era difícil os alcançarmos.

Resolvemos então, conversar com o rei pelo rádio. Carla tinha o capacete e o rei também, então de qualquer maneira a conversa poderia acontecer. Falamos:

– Rei de Ligrow, precisamos chegar a um acordo! Conversamos com nossos líderes e podemos ver uma forma de fazer tudo funcionar dentro da paz.

Ele respondeu:

– Nunca! Façam o que fizerem comigo, meus súditos não descansarão enquanto não destruírem todos os terráqueos!

A afirmação do rei nos levou a concluir que seu povo jamais aceitaria a paz e seríamos obrigados a destruí-los de qualquer maneira, o que era terrível.

Neste instante começamos a avistar mais naves no radar que vinham da Terra.

Eram os aliados terrestres. Eram de todos os países, desde o menor até o maior. Naquele momento éramos um só povo chamado Terráqueos, que defendia o que possuía. Logo estariam conosco.

O General falou para o rei:

– Veja! Estamos bem equipados. Iremos ao seu planeta e teremos uma grande

guerra. A destruição será dos dois lados. Vamos conversar!

Nesse momento, a nave do rei foi atingida por um pequeno meteorito. A chuva começou de novo e pelo jeito ele estava tão concentrado tentando fugir de nós que nem percebeu. Ele perdeu um dos motores e começou a rodar. Ele iria ficar à deriva. E o pior: mais um grande meteorito vinha em sua direção. Em cerca de dez minutos, não haveria mais rei de Ligrow.

Carla falou pelo rádio:

– Rei! Rei! O senhor está bem?

Ele não respondeu.

Falamos ao General:

– Conseguimos salvá-los? É possível?

– Não temos muito tempo. O que podemos fazer é tentar lançar cabos até a nave deles e rebocá-los. E precisa ser agora!

Falou já executando a manobra. Porém era uma chuva de meteoritos. Corríamos o maior risco também. Nossos soldados atiravam em todas as pedras que se aproximavam, enquanto tentávamos resgatá-los.

Falamos com a nave de novo:

– Rei! O Senhor está aí? Estamos tentando rebocá-los. Desligue os motores.

Dessa vez ele respondeu:

– Estamos com problemas aqui. Tem fogo e não estamos conseguindo controlar a nave. É muito arriscado tentarem nos rebocar. Ela pode explodir. Vão embora! Não tentem nada.

Nós dissemos:

– Não! Vamos tentar salvá-lo. E seu medalhão também. Sua história não pode acabar assim. Os guardas estão paralisados?

– Não. Consegui libertá-los.

O General falou:

– Vocês têm um compartimento de fuga? Entrem nele e nos digam onde é. Vamos pegá-los.

Ao que o rei respondeu:

– Sim. Está vendo abaixo da nave uma forma redonda? É o compartimento. Mas ele foi atingido também. Provavelmente estará sem energia.
O General falou:
– Coloquem máscaras de ar e entrem no compartimento agora! Vamos lançar um cabo até ele. Quando disser já, se soltem da nave!
– Ok! – respondeu o rei – Já estamos nele! – falou alguns segundos depois.
– Só temos uma chance! Lá vamos nós! Um, dois, três, agora!
Lançamos o cabo e o rei apertou o ejetor. Conseguimos pegá-los e aceleramos pra bem longe, pois o meteorito já estava em rota de colisão. A nave do rei explodiu cerca de um minuto depois. Que imagem magnífica! O clarão viajou pelo universo.

Capítulo XXVII

Nos próximos minutos, o módulo foi trazido para junto da nave. Conseguimos tirá-los de lá e trazê-los para dentro. Os guardas e o rei.
Quando vimos o rei, gritamos e corremos até ele. O abraçamos. Apesar de tudo, ele era alguém que conhecíamos e que no final, nunca havia nos feito realmente mal. Ele ficou todo sem graça pela recepção.
O General falou:
– Senhor, vejo que estas crianças, apesar de tudo, ainda lhe querem bem. Tem certeza que deseja acabar com os terráqueos?
Virei para o rei e disse:
– Pela segunda vez?
Todos ficaram me olhando com cara de espanto. Como assim, pela segunda vez? De que esse menino está falando? Até o rei ficou espantado:
– Segunda vez? Do que você está falando?
– Rei de Ligrow. Desculpe minha curiosidade, mas descobri isto em seu planeta.
Tirei o livro que havia pegado naquela biblioteca estranha quando fui procurar cordas.
– O que é isso? – ele perguntou.
Todos na nave ficaram me olhando e tentei explicar:
– Me diga somente uma coisa: qual a origem deste livro? Eu o encontrei em uma sala esquecida num depósito.
– É dos Elevatis, a raça que habitava o planeta quando meus antepassados o invadiram.
Continuei:
– Este livro possui desenhos muito familiares para nós terráqueos.
Fui abrindo as páginas e mostrando desenhos muito parecidos com os encontrados no Egito e nas pirâmides. O General e meus primos ficaram boquiabertos.

– Por que não mostrou pra gente?
– Só o faria na Terra. E o trouxe para que fosse estudado pelos nossos governos, mas achei que agora é a hora de falar sobre ele.
– Então fale, porque não estou conseguindo entender nada. – disse o General.
Prossegui:
– O rei nos falou que o povo que habitava o planeta foi dizimado e alguns que restaram foram expulsos em algumas naves. Foram jogados à própria sorte no espaço. Se encontrassem condições para viver em algum planeta, o fariam. Caso não achassem, morreriam. Isso tudo me levou a pensar algumas coisas: eles provavelmente encontraram vida similar na Terra. Vi outro livro lá que tinha imagens de galáxias e tinha uma muito parecida com a nossa. Talvez já soubessem de nossa existência. Por isso tantas referências nos desenhos das pirâmides a seres que chegaram do céu. Deuses para os terráqueos daquele tempo. Além do mais, nossas condições de vida na Terra e em Ligrow e o povo que viveu ali antes são muito parecidas. Por isso o rei quer o nosso planeta também. Então, Rei de Ligrow, só consigo chegar a uma conclusão: somos descendentes também do povo que vocês expulsaram. E mais, somos parecidos com vocês também, atuais moradores do planeta. Portanto, o Senhor está tomando nosso planeta mais uma vez!
O rei me olhou e, pela primeira vez, com uma postura um pouco mais humilde nos falou:
– Você tem razão. Acho que essa teoria pode ser verdadeira. E podemos descobrir melhor sobre isso consultando essa biblioteca que você achou. Aquilo é algo esquecido para nós. Não a usamos e tudo que está lá é como lixo. Enfim, ficou abandonada.
– Em qual direção deseja ir agora? Deseja continuar o ataque? – perguntei. – Ou consegue pensar em um futuro no qual podemos tentar conviver?
O rei parou pensativo. Não sabemos qual seria sua reação ou se falaria a verdade. Enfim, era tudo um grande ponto de interrogação.
Ele disse:

– Trégua! Por enquanto temos uma trégua! É o mínimo que podemos fazer.

– Sim! – comemoramos.

O General pediu para avisarem a todas as naves que a missão estava abortada.

Capítulo XXVIII

Aparentemente havíamos ganhado uma batalha. Poderia não ser definitiva, mas já era uma grande vitória.

Tomamos rumo para casa. Dessa vez com o rei a bordo. Ele e o General começaram uma conversa bem longa em outra sala e nós só aguardávamos a volta pra casa.

Para descontrair um pouco o nervosismo, resolvemos conversar.

– Como será que estão nossos pais? – perguntou Sílvia.

– Devem estar preocupadíssimos! Se eles sabem que estávamos na nave do General, então já estão desmaiados. – disse Renata.

– Acho bom a gente chegar logo na Terra antes que apareçam outras naves inimigas por aqui. Vai saber se o rei não está mentindo e daqui a pouco aparecem uns ligrowenses...

– Ligrowenses? – Carla não aguentou a definição de Alexandre e caiu na gargalhada.

Mas, Alexandre, sério continuou:

– Dá dos ligrowenses virem nos atacar de novo...

Só o Alexandre mesmo.

Terra! Finalmente estávamos de volta. Finalmente.

Já avistávamos aquele lindo planeta.

– Vamos entrar em órbita, pessoal! – falei.

A nave deu seu costumeiro solavanco, mas aquele foi o solavanco mais gostoso de nossas vidas. Era a nossa chegada, era a paz.

Agora a próxima parada era a Base.

Chegamos à superfície do planeta e fomos para a Base. Quando olhamos pela janela, nos assustamos. Ela estava lotada de gente e as redondezas também.

Tinha fotógrafos, TV, tudo que era meio de comunicação. Havia repórteres de todo o mundo. Aterrissamos.

Acionamos o botão que abria a porta da nave e a esperamos baixar. Fomos até a porta e olhamos espantados para a multidão. Mas, no momento em que vimos quem nos aguardava no fim da rampa, saímos correndo para fora. Eram nossos pais, tios, irmãos e todos os familiares.

Abraçamos nossos tios e pais e choramos de emoção. Até quem não tinha nada a ver com a gente, chorava também.

Os repórteres choveram em cima de nós, mas o General cuidou para que não se intrometessem no nosso encontro. Disse que haveria uma coletiva para a imprensa no dia seguinte no Pavilhão de Conferências da cidade.

Quando o rei e os guardas saíram da nave, fez-se um silêncio total. Ninguém esperava ver um extraterrestre à luz do dia. Para amenizar as coisas, Carla, a embaixatriz de Ligrow, hahaha, correu até o rei e pegou na sua mão. E falou:

– Vem, Rei! Vai dar tudo certo!

Ele deu um pequeno sorriso pra ela. A multidão aplaudiu.

Quanto ao fim daquele dia, fomos todos festejar nossa vitória e nossa volta na fazenda.

Capítulo XXIX

No dia seguinte, às 9 horas da manhã, já estávamos presentes no pavilhão. Lá havia personalidades de todo o mundo. Quando chegamos, fomos recebidos com palmas vindas de milhares de pessoas. O pavilhão estava lotado e do lado de fora tinha gente que não acabava mais.

Quando chegamos ao palco, o presidente nos esperava. Que emoção! Nós, simples crianças, recebíamos todas aquelas homenagens.

O presidente nos agradeceu pelo que fizemos e nos condecorou com muitas medalhas. O General também ganhou. Depois o presidente fez um discurso, no qual citou:

“Crianças que nos salvaram, as quais são nosso futuro. Percebemos neste momento que a Terra estará em mãos responsáveis e que sempre se unirão pela Paz.

...Vimos como enfrentaram problemas com garra e confiança e não perderam as esperanças em nenhum momento. O que podemos fazer neste momento é somente agradecê-los, e parabenizá-los.”

Quase choramos com esses trechos da declaração. A emoção foi grande ao vermos todas aquelas personalidades de vários países nos aplaudindo e nos recebendo como heróis.

O rei estava lá também e fez um discurso. Nele também falou de nós:

“Acho que aprendi muito com essas crianças e realmente espero que possamos chegar a um acordo bom para ambos. Acima de tudo, aprendi que mesmo nas adversidades e diferenças, é possível construir laços de amizade!”

E até deu uma piscadinha, nessa parte.

Depois das homenagens, prosseguiram-se as declarações à imprensa da nossa história. Em certo instante, surgiu tal pergunta ao General:

– Senhor, e agora? O que será feito em relação ao planeta do Rei?

O General respondeu:

– Bem, estamos conversando muito sobre o que podemos fazer para ajudar-nos reciprocamente. Agora, só será possível termos definições em anos. Nada se resolverá de um dia para o outro. Mas, confiamos que apenas estamos no começo de uma grande e nova Era de descobertas para a humanidade.

Para terminar nossa declaração, falei:

– Bom, espero que nenhuma coisa desse tipo aconteça novamente, mas se acontecer, Eu, Sílvia, Renata, Roberta, Alexandre e Carla, estaremos prontos a ajudar! Muito obrigado!



Recebemos mais aplausos e nos retiramos.

Capítulo XXX

Nós conversamos com nossos familiares e resolvemos terminar as férias na fazenda. Assim nos distrairíamos e descansaríamos de toda a agitação. A nossa história não saía dos jornais, revistas, rádio e TV, no mundo todo. Na fazenda estaríamos afastados de tudo isso.

Voltamos pra lá.

Na fazenda, tudo corria normalmente. As frutas continuavam deliciosas, os animais sadios, a comida da tia estava ótima, o sol maravilhoso. Além disso, continuavam as brigas da Roberta e do Alexandre, os ataques histéricos da Renata, as brincadeiras da Carla.

Os dias foram passando, até que tivemos a “feliz” ideia de irmos ver a plantação de milho. Quando chegamos, foi outro baque:

– Não! De novo não! Olha quanto pé de milho queimado!

Saímos correndo feito uns loucos de volta para a casa da fazenda.

Depois de meia hora, nossas malas estavam prontas. Fomos até a presença do tio e da tia e falamos:

– Vamos embora!

– Por que? – perguntou tio Carlos.

– Começou tudo de novo! Fomos ver a plantação de milho e tinha um monte deles queimados. Não queremos esperar para ver o que virá depois! Vai que dessa vez o Rei não é tão bonzinho... – disse Carla.

Nossos tios se olharam e caíram na risada. Depois de várias gargalhadas, a tia nos disse:

– Acontece que deu uma praga naquela parte da plantação e nós resolvemos queimar para poder plantar novamente. Só isso.

Nós nos entreolhamos e entre algumas risadinhas sem graça dos “heróis”, nós dissemos:

– Se é assim...Nós ficamos!!!

PERIGOSAS - SIMI - Apollymi

Capítulo I
Capítulo II
Capítulo III
Capítulo IV
Capítulo V
Capítulo VI
Capítulo VII
Capítulo VIII
Capítulo IX
Capítulo X
Capítulo XI
Capítulo XII
Capítulo XIII
Capítulo XIV
Capítulo XV
Capítulo XVI
Capítulo XVII
Capítulo XVIII
Capítulo XIX
Capítulo XX
Capítulo XXI
Capítulo XXII
Capítulo XXIII
Capítulo XXIV
Capítulo XXV
Capítulo XXVI
Capítulo XXVII
Capítulo XXVIII
Capítulo XXIX
Capítulo XXX